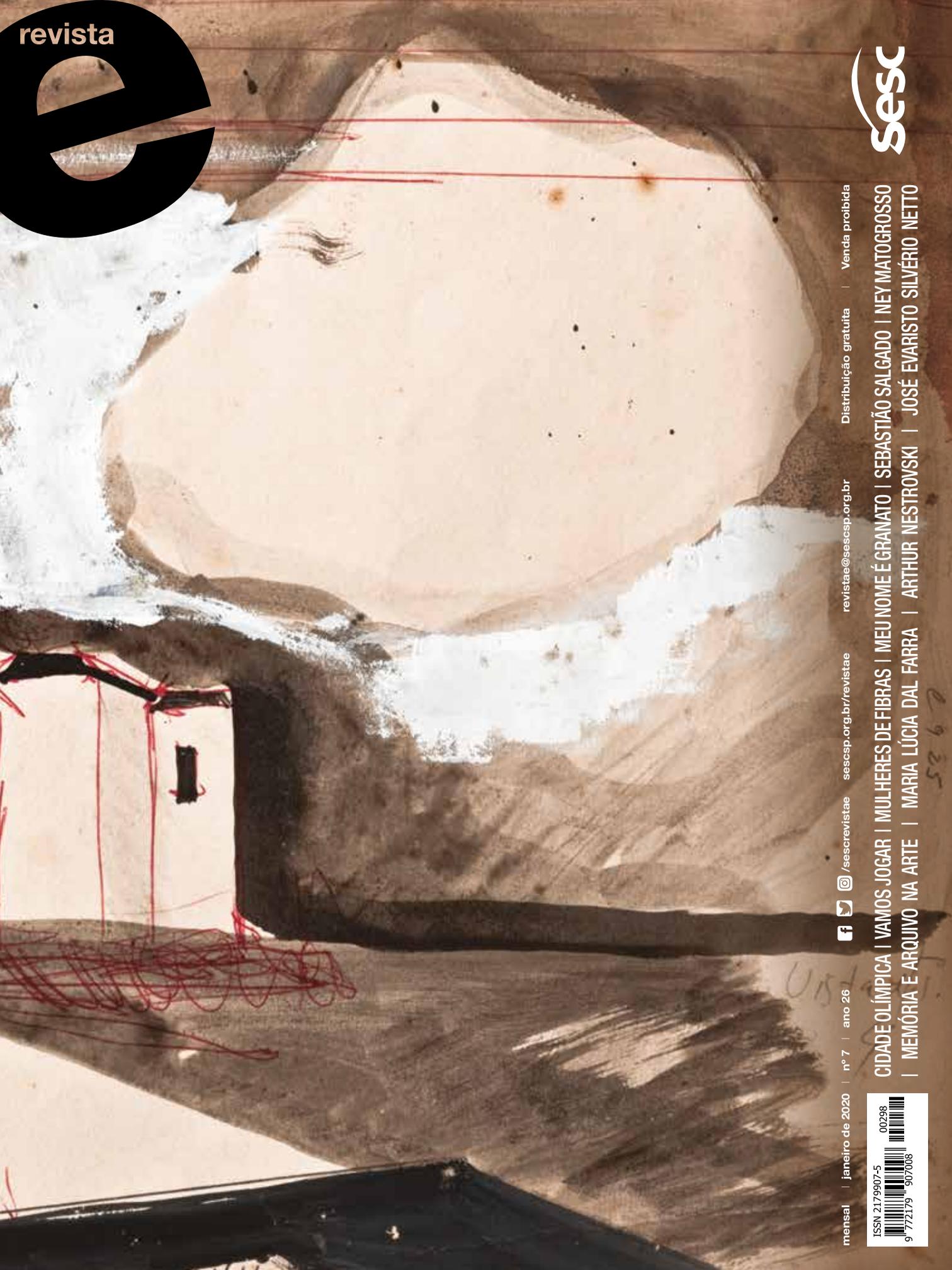


revista



mensal | janeiro de 2020 | n.º 7 | ano 26 | [revistae.org.br](https://www.revistae.org.br) | [instagram.com/revistae](https://www.instagram.com/revistae) | revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida



CIDADE OLÍMPICA | VAMOS JOGAR | MULHERES DE FIBRAS | MEU NOME É GRANATO | SEBASTIÃO SALGADO | NEY MATOGROSSO
| MEMÓRIA E ARQUIVO NA ARTE | MARIA LÚCIA DAL FARRA | ARTHUR NESTROVSKI | JOSÉ EVARISTO SILVÉRIO NETTO

ISSN 2179907-5 00298

9 772179 907008

2925

sesc Verão 2020



Prepare-se que o verão é nosso! Aqui se alonga, se levanta, se nada, se joga! Em janeiro e fevereiro, as Unidades do Sesc são o ponto de encontro para todas as idades, todas as turmas, com diversas modalidades olímpicas e paralímpicas. Tem atividade para todo mundo praticar! Então, encare, respire e venha curtir.
Sesc Verão. Aqui o verão é nosso!

A vibrant, abstract background composed of overlapping geometric shapes in shades of blue, yellow, orange, and purple. On the left side, a person's hand is visible, gripping the handlebar of a silver bicycle. The front wheel and part of the frame are also visible. The overall composition is dynamic and colorful.

Aqui o verão é nosso!

Janeiro e fevereiro
em todas as Unidades.
Confira a programação:
sescsp.org.br/sescverao

sesc



Obra Sem título de Evandro Carlos Jardim. Foto: João Musa

IMAGEM DA CAPA

A capa desta edição é uma obra do gravurista e pintor Evandro Carlos Jardim feita com nanquim e caneta esferográfica, em 1965. Paulistano, Jardim pauta seu trabalho por inspirações no cenário urbano, tendo como temas o Pico do Jaraguá e o Rio Tamanduateí, entre outros. A imagem está no livro que leva o nome do artista e é parte da coleção *Arte, Trabalho e Ideal*, lançada pelas Edições Sesc São Paulo, que traz entrevistas com criadores de diferentes gerações e focos artísticos.

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

App Store Google Play Download gratuito para Android e iOS

Início de um novo ciclo

A chegada de um novo ano é momento propício para organizar metas e objetivos e rever planos e projetos para o período que se inicia. Ainda que nem sempre traga mudanças mais profundas no cotidiano, essa passagem nos proporciona um entendimento mais concreto sobre o tempo e, a partir dele, sobre o que desejamos conquistar nesse ciclo que se renova. Trata-se, portanto, de uma oportunidade para criar, aprender, inovar e, dessa maneira, ampliar horizontes.

Iniciar um curso, desenvolver habilidades, usufruir os momentos de lazer de modo a promover o bem-estar são maneiras de expandir o olhar e a percepção sobre o mundo em que vivemos. Com seus centros culturais e esportivos no estado de São Paulo, o Sesc – Serviço Social do Comércio – oferece inúmeras atividades nos campos da cultura, do lazer, do esporte, da saúde e alimentação, contribuindo com seu público prioritário – os trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo, e seus dependentes – e com a comunidade em geral numa ação educativa permanente, gerando bem-estar e qualidade de vida para todos.

Feliz e próspero 2020!

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

SUMÁRIO

Os esportes e as cidades

Os esportes têm um potencial que extrapola o próprio desenvolvimento físico-esportivo de quem os pratica. Sua dimensão cultural e social faz da prática esportiva um meio fundamental para o pleno exercício da cidadania. Inúmeros são os exemplos flagrados no cotidiano dos centros urbanos. Ao ocupar os espaços públicos para se exercitar, interagir, treinar, brincar e jogar, a população tem uma percepção ampliada sobre a cidade e sobre quem nela vive. É o que mostra reportagem desta edição da **Revista E**.

Aos 78 anos de idade, o cantor Ney Matogrosso fala, em *Entrevista*, sobre vitalidade na arte. Em *Depoimento*, o fotógrafo Sebastião Salgado comenta seu processo criativo e conta os bastidores da realização da exposição *Gold – Mina de Ouro Serra Pelada*, em cartaz no Sesc Guarulhos. Em *Encontros*, Arthur Nestrovski relata sua paixão pela música e pela literatura e celebra uma década na direção artística da Osesp. Esta edição traz ainda *Perfil* do artista plástico fluminense Ivald Granato, cuja produção foi reunida numa mostra em cartaz no Sesc Belenzinho. Bom ano e boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



Adriana Vichi

Em ENTREVISTA, o cantor NEY MATOGROSSO fala sobre natureza, idade e música

10

Espaços públicos ocupados por atividades esportivas transformam São Paulo em CIDADE OLÍMPICA

16



Projeto Ação Geral / Divulgação



Registro de performance
Crazão 2, s.t.

No PERFIL, vida e obra do multiartista e mestre da provocação IVALD GRANATO

24



Luizita Bento - tapeçaria Delirio (detalhe) | Foto: Mariana Chama

Na GRÁFICA, a produção ARTESANAL se projeta como genuína expressão artística

30

VAMOS JOGAR e aprender com tradicionais e novos jogos de tabuleiro

40



Anderson Rodrigues

DOSSIÊ

7

EM PAUTA | MEMÓRIA E ARQUIVO NA ARTE

44

ENCONTROS | ARTHUR NESTROVSKI

50

DEPOIMENTO | SEBASTIÃO SALGADO

52

INÉDITOS | MARIA LÚCIA DAL FARRA

54

PROGRAMAÇÃO

57

ALMANAQUE PAULISTANO

113

P.S. | JOSÉ EVARISTO SILVÉRIO NETTO

114

CIÊNCIA NO COTIDIANO

Publicados exclusivamente em e-book, três títulos de Ulisses Capozzoli explicam alguns dos conceitos mais fascinantes da Ciência.



UM FANTASMA LEVA VOCÊ PARA JANTAR do cosmos ao GPS

Neste livro, o autor parte do uso dos sistemas de geolocalização controlados por satélite para ilustrar como a ciência se revela em boa parte de nossa vida cotidiana.



UMA BIOGRAFIA DA ÁGUA desde a sua origem na infância do universo

No volume dois da coleção, Ulisses Capozzoli recorre a conhecimentos de áreas como astronomia, química, geologia e geopolítica para recontar a história desse elemento essencial para o surgimento da vida no Planeta.



A ORIGEM E O FIM DO TEMPO interpretações da ciência e da filosofia

Já no terceiro e último volume da coleção, a questão do tempo é abordada pelo autor que recorre a conhecimentos de áreas como física, astronomia, filosofia e história.

Disponíveis no aplicativo ou
loja virtual de sua preferência

Visite a loja virtual sescsp.org.br/loja
e conheça o catálogo completo



edições
SESC



Veridiana Scarpelli

Viajar para conhecer

PROJETO *OBA! FÉRIAS!* CONVIDA AS CRIANÇAS A DESCOBRIR NOVOS LUGARES E A SER TURISTAS NA PRÓPRIA CIDADE

Para embarcar nestas férias, não é preciso passaporte. O projeto *Oba! Férias!* convida crianças de até 12 anos a visitar, ou até mesmo descobrir, novos espaços em São Paulo.

Ao longo do mês de janeiro, 25 unidades do Sesc da capital, litoral e interior realizarão ações com diferentes temas. Agroecologia, literatura, teatro, cultura popular, astronomia e esportes, entre outros assuntos, estarão presentes nos roteiros da programação.

Afinal, o que uma viagem pode proporcionar a uma criança? E um passeio pela cidade onde ela vive, pode ser uma experiência repleta de descobertas e novidades? A partir dessas reflexões, esse projeto leva o público infantil a novos cenários, promovendo conhecimento e uma maior participação da garotada em atividades turísticas realizadas pelo Sesc em

O TURISMO SOCIAL DO SESC PARTE DO PRESSUPOSTO DE QUE AS ATIVIDADES TURÍSTICAS TÊM UM GRANDE POTENCIAL EDUCATIVO. E, COM O PROJETO *OBA! FÉRIAS!*, PRETENDEMOS PROPICIAR ÀS CRIANÇAS A OPORTUNIDADE DE VIVENCIAREM, COMO PROTAGONISTAS, EXPERIÊNCIAS DE TURISMO

CAROLINA PAES DE ANDRADE, assistente do Núcleo de Turismo Social do Sesc São Paulo.

São Paulo. Realizado desde 2017, *Oba! Férias!* ainda proporciona a convivência entre crianças e seus familiares durante o período das férias escolares.

“O Turismo Social do Sesc parte do pressuposto de que as atividades turísticas têm um grande potencial educativo. E, com o projeto *Oba! Férias!*, pretendemos propiciar às crianças a oportunidade de vivenciarem, como protagonistas, experiências de turismo por meio de passeios dentro de sua própria cidade ou de viagens para lugares ainda não conhecidos”, explica Carolina Paes de Andrade, assistente do Núcleo de Turismo Social do Sesc São Paulo.

Antes de embarcar na programação, confira as atividades e escolha o tema que mais lhe interessa para fazer sua inscrição. Mais informações no portal do Sesc São Paulo.



Webysther

FLORESTA + SAÚDE

Você sabia que frutas da nossa Mata Atlântica, a exemplo do cambuci, têm altos valores nutricionais e antioxidantes? Os benefícios destes e de outros alimentos é um dos temas abordados na oficina *A Saúde que Vem das Nossas Florestas* pela chef e educadora alimentar Leila D, dia 29/1, no Sesc Consolação. Nesta atividade, os participantes também vão aprender receitas com novos ingredientes que poderão ser incluídos no cardápio. Há 17 anos, a especialista pesquisa e desenvolve sua própria linguagem na gastronomia, além de realizar, desde 2010, o Festival Da Terra ao Prato, que busca fomentar a agricultura orgânica.

“EM PRETOPERITAMAR, ALÉM DE APRESENTAR UM ARTISTA CONTEMPORÂNEO PARA AS NOVAS GERAÇÕES, O ESPETÁCULO TAMBÉM BUSCA DESLOCAR PONTOS DE VISTA SOBRE OS RÓTULOS QUE ITAMAR RECEBEU NO PASSADO.”

LEANDRO NUNES, no jornal *O Estado de S.Paulo*, sobre o espetáculo *Preto peritamar – O Caminho Que Vai Dar Aqui*, em cartaz no Sesc Pompeia até 19/1.



Carol Mendonça



Andréia Santos

LESTE É O CENTRO

Durante os meses de janeiro e fevereiro, o Sesc Itaquera promove uma série de ações focadas na cultura das regiões periféricas da cidade. Um cenário rico e peculiar por suas propostas estéticas. Com o nome *A Zona Leste é o Centro*, a sétima edição desse projeto abrange uma programação de espetáculos, intervenções, oficinas e bate-papos que enfatizam a diversidade da produção artística da Zona Leste. Entre os destaques, está o lançamento do álbum *Mundo Manicongo – Dramas, Danças e Afroreps*, de Rincon Sapiência (foto), no dia 25/1.

MUNDOS IMAGINÁRIOS

Narrativa fantástica, realismo mágico ou maravilhoso e neofantástico. Todas essas nomenclaturas são para retratar, na literatura, a manifestação de fenômenos insólitos. No entanto, cada uma delas guarda particularidades. Para mergulhar nesse assunto, durante os meses de janeiro e fevereiro, o Centro de Pesquisa e Formação Sesc São Paulo realiza cursos, palestras e debates que compõem a programação de *Universo Fantástico*. Na programação, de 8 a 29/1, a escritora Suzana Ventura, doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), realiza o curso *Na Companhia de Bela: Contos de Fadas por Autoras Esquecidas*.



O que move as palavras? Em *Experimentos com Tempo e Sombras*, instalação do artista indiano Daku na entrada do Sesc Santo André, a sombra projetada de um texto se desloca pelo chão conforme a posição do Sol. Registros de outras intervenções do artista pelo mundo ocupam a galeria da unidade até o dia 1º de março.

EMBARQUE NA SÉTIMA ARTE

Em janeiro, o Sesc Vila Mariana convida o público a embarcar em novas viagens sem sair do lugar. Durante o mês, o *Clube do Filme – Viajar na Sala de Cinema* vai exibir produções cinematográficas estrangeiras e nacionais com a proposta de visitar países retratados pela sétima arte. No dia 8/1, em *Stromboli* (1950), de Roberto Rossellini, os espectadores irão viajar para uma ilha do Mediterrâneo na Itália, após o fim da 2ª Guerra Mundial. Enquanto no dia 15/1, está marcado um roteiro pela América do Sul, sob a ótica de Walter Salles, em *Diários de Motocicleta* (2004).



Diários de Motocicleta | Divulgação



Jose De Holanda

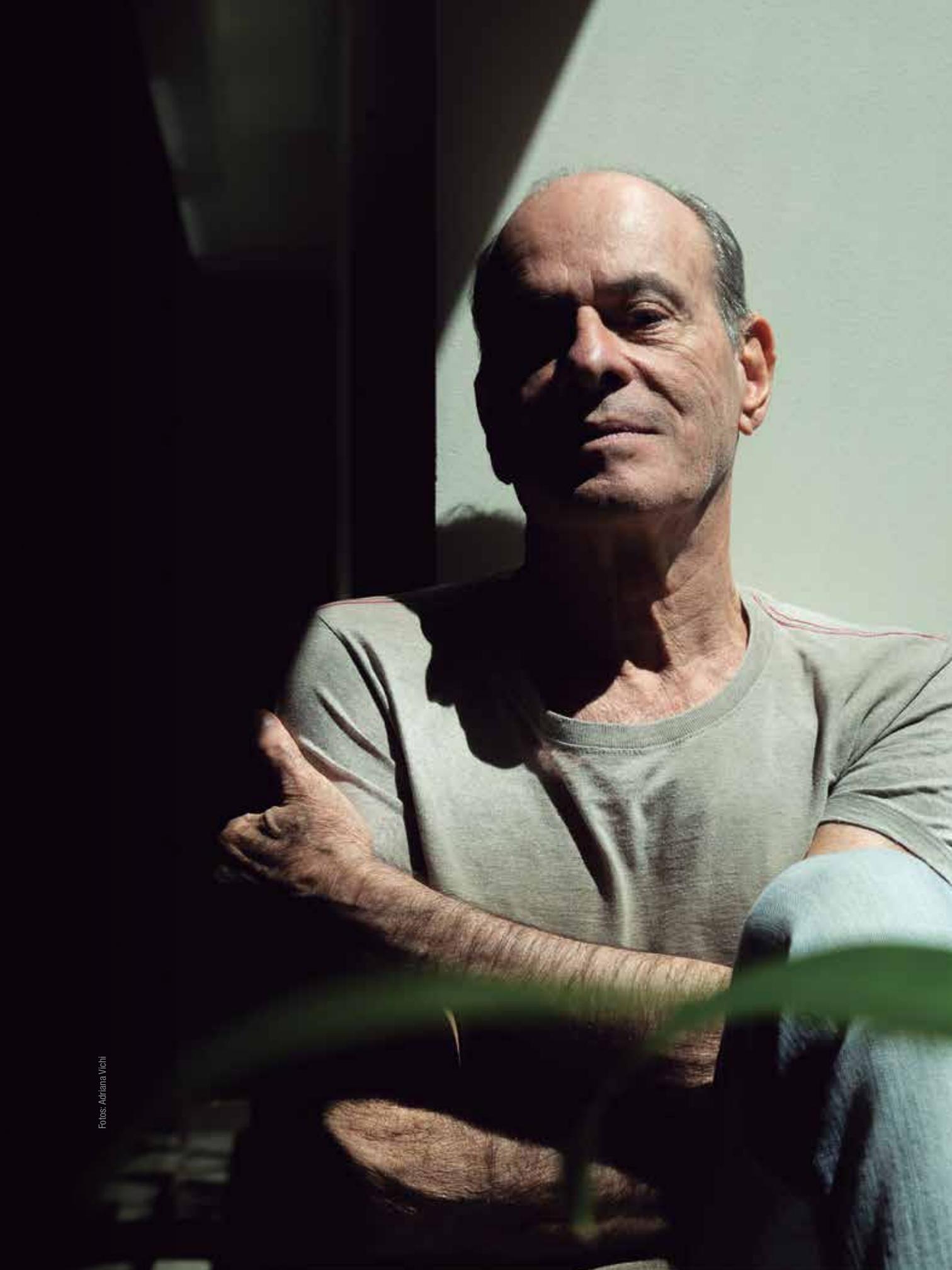
PARA OUVIR ANCESTRAIS

No Sesc 24 de Maio, dias 23 e 24 de janeiro, o cantor, ogã e percussionista Sapopemba apresenta o novo álbum “Gbó” (ouça em Yorubá) pelo Selo Sesc. Em 12 faixas, o disco joga luz sobre o cancionário popular afro brasileiro. O repertório é composto por canções próprias, cantos tradicionais para os orixás e músicas de Dorival Caymmi. Neste show de lançamento, Sapopemba será acompanhado por um sexteto, um coro de três vozes, além de artistas convidados - Benjamin Taubkin, Patricia Bastos e Grupo Bongar.

BICHO SOLTO

A PAIXÃO PELA MÚSICA E PELA NATUREZA
ALIMENTA A CRIATIVIDADE DESTE ARTISTA
QUE HÁ 46 ANOS ARREBATA DIFERENTES GERAÇÕES

Ao mergulhar no verde e nos sons da natureza, Ney Matogrosso refugia-se. Assim, o artista recarrega a energia vital para seguir gravando e se apresentando ao longo dos últimos 46 anos. Em seu sítio, no município de Saquarema, no estado do Rio de Janeiro, a Mata Atlântica é tanto sua quanto dos animais cuidados pelo Instituto Vida Livre – organização não governamental voltada para a reabilitação e soltura de animais na fauna silvestre –, do qual ele é patrono, uma missão que se soma à vocação deste grande intérprete da música brasileira. Em turnê com o show *Bloco na Rua*, Ney flerta com canções que fazem parte de sua história. Algumas já gravadas, como *Sangue Latino* (1976), outras da gaveta de memórias, caso de *Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua* (1972). Aos 78 anos, discreto e reservado, Ney é uma persona nos palcos e outra fora deles. Sob os holofotes, ele se vale das técnicas que aprendeu no teatro, arte à qual se dedicou antes da música. Desde a estreia em voz e performance no grupo Secos & Molhados, de 1972 a 1974, o fôlego deste homem que nasceu na fronteira do Brasil com o Paraguai, e cujas raízes se estendem pela América Latina, parece não ter fim. “Eu não pretendo sair dos palcos porque as pessoas estão desgostosas de me ver. Prefiro sair quando eu ainda estiver cantando”, deixa o recado.



Como chegar a esta fase da vida com tanta energia para seguir se apresentando em shows e festivais pelo Brasil?

Quando me falavam em ano 2000, eu pensava: “Nem chego lá”. Não achava que ia chegar a essa idade cantando. Mas eu gosto e ainda posso. Então, por que não fazer, né? Foi aos 50 que atinei. Moro no Leblon e, no auge do verão, na rua vi um homem com a pele toda enrugada, de sunga e tênis. Olhei para aquele senhor andando debaixo daquele sol e vi que tinha músculo por baixo daquela pele. Eu já estava com 50, com uma dorzinha aqui, outra ali. Quando vi esse homem, pensei: “Isso é possível”. E fui atrás. Comecei a fazer ginástica e nunca mais parei.

Além de atividade física, cuida da alimentação e do sono?

Sempre fui de comer pouco e não tenho restrição alimentar. Durmo entre meia-noite e uma hora da manhã. Acordo para fazer minha aula de ginástica às 10h, que é meu limite na cama. Eu gosto de dormir. Antes, eu fazia exercícios de segunda a sexta, uma hora e meia. Agora eu faço de segunda a quinta, 45 minutos. A questão da idade não é um problema para mim, porque tenho saúde. Se não tivesse, talvez fosse. E, claro, eu tive tempo de me adaptar. Não posso me queixar de nada.

No seu dia a dia, você reflete sobre espiritualidade e morte?

Eu convivo com isso com naturalidade. Penso muito a respeito. Há pouco tempo, tive uma pintinha no meu peito e quando fui fazer os exames fui direto ao oncologista. Era um câncer de pele dos piores, dos mais agressivos. Fiquei alguns dias com essa informação e te digo: não pirei. Fiquei tranquilo. Se tiver que ser disso, será. Só não quero sofrer. Se isso acontecer comigo, deixo um documento escrito: “Não me prendam. Me deixem ir embora”. Agora, Deus para mim é um princípio que está em tudo. Deus para mim é amoroso e não tem o dedo apontado me dizendo que errei. Não acredito nisso.

Homens e mulheres idosos falam sobre experimentar a solidão ou sentimentos de perda de amigos e cônjuges. Como você se sente?

Eu não tenho depressão nem solidão. Pelo contrário: preciso ficar sozinho. Sou uma pessoa que não suporta

viver em rebuliço nem com multidão. Tenho amigos, mas há momentos em que preciso ficar sozinho. Isso para mim não é solidão porque eu necessito. Às vezes, vou para meu sítio e fico lá cinco dias sozinho. Minha mãe está por perto, na casa dela. Eu tenho uma cozinheira que vai lá fazer a minha comida e dorme perto, mas não tenho essa necessidade de estar acompanhado ou de falar.

Esse momento de solidão é também para pensar em novos projetos?

Lá, no meu sítio, fico gravando os sons do dia e da noite. Tenho tudo isso gravado e ainda pretendo gravar em estúdio, de alguma maneira. Porque os sons da noite começam às cinco da tarde, vão até cinco da manhã e vão se transformando. A cada hora entra alguém. A cada hora entra um personagem novo, um som novo. Fico gravando essas coisas.

Ou seja, a proximidade com a natureza é algo necessário e produtivo para seu processo criativo.

Sempre tive essa relação com a natureza, desde criança. Quando era adolescente, chegava do colégio, almoçava e me mandava para dentro de uma floresta: eu e meus 11 cachorros. Passava a tarde inteira lá com meus bichos e voltava ao entardecer. Isso era diariamente. Foi quando entendi os ciclos da natureza. Estava todo dia acompanhando transformações: a hora em que os animais procriavam,

o período da fruta. Ia pelo faro. Nunca tive medo de bicho. Nunca ataquei nenhum animal. Eles não estão ali me esperando. É uma convivência respeitosa.

Por esse motivo você acabou tornando seu sítio um espaço de soltura de animais?

Meu sítio é uma Reserva Particular do Patrimônio Natural que agora transformei numa área de soltura. Tudo oficial, junto ao Ibama. Alguns animais chegam lá e são soltos na hora, enquanto outros têm que passar por uma quarentena porque a gente não pode soltar um animal doente. Lá tenho um lugar específico feito para animais reaprenderem a voar, por exemplo. Isso tudo faço com meu dinheiro. É um sítio dentro da Mata Atlântica, em Saquarema, e tem dois rios: um que passa perto da minha casa e outro que passa perto da casa da minha mãe. Água puríssima. A riqueza está aí.

NÃO SOU DE
DISCURSO E
ACHO QUE MINHA
EXISTÊNCIA
CONTA. EU SOU A
BANDEIRA

A QUESTÃO DA IDADE NÃO É UM PROBLEMA PARA MIM PORQUE TENHO SAÚDE

Além desta preocupação com a natureza, você faz parte de uma geração que brigou por outras causas, mas nunca levantou bandeiras. Por quê?

Não sou de discurso e acho que minha existência conta. Eu sou a bandeira. No meu trabalho está refletido tudo o que penso. Não tenho necessidade de fazer discurso. Não sou político e não me interessa me aproximar disso. Isso não quer dizer que eu não observe o que está acontecendo e tire minhas conclusões. Em termos de geração, tenho interesse em deixar um legado de liberdade, de exercitar meus direitos, de defender a natureza, os índios, os negros, as minorias. Defender e apoiar todas as minorias. Esse é meu modo de olhar a vida.

Antes de ser cantor, houve um momento em que se dedicou a ser ator. Como foi essa transição?

Eu achava que cantar era interessante para o ator. Mas abri mão de tudo e segui na música. Só que, na década de 1980, a Ana Carolina me convidou para fazer um filme [*Sonho de Valsa*, 1987]. Era algo que eu nunca fazia e pensei na chance interessante de exercitar o ator, já que eu tinha feito teatro antes. Adoro fazer cinema e tenho feito alguns filmes [*a exemplo de Não Devore Meu Coração, de Felipe Bragança, lançado em 2017*]. Mas na música sou ator. Porque aquele lá não sou eu. O princípio do meu pensamento é teatral. Estou cantando, mas sei que estou fazendo muita coisa do teatro ali, sempre fiz e continuarei fazendo.

Há uma sensualidade em sua performance no palco e também uma preocupação com a coreografia?

Agora estou mais solto do que nunca na vida. Cada dia faço de um jeito. Isso me agrada muito: não ter uma coreografia. Apenas entrar e me soltar.



Antes, todos os outros shows tinham uma coreografia. Acho que isso que faço agora é uma proposta de liberdade. Continuo exercitando isso [a sensualidade] no palco porque ela ainda existe em mim. Não é algo que está fora de mim e estou utilizando para seduzir. Nunca foi para seduzir a plateia. Sempre foi para demonstrar que era possível alguém ser livre sexualmente. E continua sendo isso. Eu não ia ficar inventando para agradar ninguém nem para fazer tipo.

No entanto, esse é um elemento associado a sua imagem. Isso atrapalha ou ajuda?

Minha intenção não é “pegar” ninguém da plateia e nunca foi. É possível você ser livre nesse aspecto. Ainda mais um homem que não poderia ser sexualizado e sensualizado. Das mulheres isso era exigido e, aos homens, vetado. Jamais quis ser mulher nem ocupar o espaço da mulher, mas achava que o espaço do homem não devia ser tão restrito. E vejo que isso repercute até hoje nos homens e que todos dançam e têm liberdade física para isso. O funk, então, determinou isso de uma maneira impressionante.

Ao longo de 46 anos de carreira, sua discografia não é datada. Parece atemporal.

Qual sua percepção a respeito?

Mas o que eu fiz nos anos 1980 tinha um estilo anos 1980. Tinha uns teclados que todo mundo usava na época. No momento, ele estava em todos os discos e no meu trabalho também tem. Não renego e não fiquei preso a isso. Era coisa do produtor na época. Moda nunca foi intenção para mim. Música para mim é música e nunca procurei estilos. No tempo em que trabalhava com o [Marco] Mazola, ele me entregava tudo pronto e eu colocava a voz. É que teve um momento em que o Lincoln Olivetti [maestro, arranjador, instrumentista, tecladista, 1954-2015] ocupava todos os espaços e estava em todos os discos. E isso deixa os anos 1980 evidentes.

Cada disco seu é único e você sempre se cercou de grandes músicos. Como é esse olhar sobre a constante renovação?

Procuro dentro do que me oferecem, quando quero músicas inéditas, algo que seja compatível com meu pensamento. Se não for, não gravo. E o que me leva a gravar uma música não é nem a melodia, é a letra. Quero saber se aqueles assuntos são compatíveis com meu pensamento para ser coerente. Tenho uma busca na minha vida pela coerência. E sempre fiz questão de ter os melhores músicos disponíveis. Eu me considero um artista popular.

Havia uma pressão por parte de produtores e gravadoras para fazer uma canção de sucesso?

As gravadoras dizem que sabem disso e também não sabem. Por exemplo, quando gravei *Pescador de Pérolas* (1987), esse disco me fez sair de uma gravadora porque ela não quis lançar o álbum. Então, entrei em outra gravadora exigindo que o lançassem. Diziam que não era um disco comercial, mas, no final, ele vendeu muito. Então, para mim, ficou comprovado que não existe fórmula. Ou seja, não existe essa coisa de comercial e não comercial na minha cabeça. Acho que não é para ficar preocupado com isso, mas fazer o que você acredita. Porque tem gente que até hoje está na mão de produtor, e eu estou nas minhas mãos. Faço só o que quero. Decido o que vou plantar, meu figurino... Eu sei da minha vida e arco com a minha vida artística e a outra também.

Já pensou se deveria ou não ter gravado alguma canção?

Homem com H, por exemplo, que foi meu maior sucesso. Não é que eu não quisesse gravar, mas achava que as pessoas iriam me achar um oportunista por estar gravando um forró sendo que não sou do Nordeste. Aí parei para pensar: “Poxa, não sou do Nordeste, mas sou do Brasil. E o forró faz parte do espectro da música brasileira. Então, por que eu não posso?”. Dali para frente acabou essa bobagem. Canto de tudo, tudo mesmo, e não tenho preconceito contra nenhum estilo musical. Acho que dentro de cada um temos coisas interessantes.

PROCURO
DENTRO DO QUE
ME OFERECEM,
QUANDO QUERO
MÚSICAS INÉDITAS,
ALGO QUE SEJA
COMPATÍVEL
COM MEU
PENSAMENTO.
SE NÃO FOR,
NÃO GRAVO

ESTOU NO LUCRO ABSURDO DE CANTAR AOS 78 ANOS E SEI TAMBÉM QUE ISSO VAI ACABAR EM ALGUM MOMENTO

Como referências, você sempre apontou sua admiração por Raul Seixas e Chico Buarque, de estilos tão diferentes.

Isso. Eles são opostos. Quando o Chico grava um disco, eu fico na expectativa para saber o que vou gravar daquele trabalho. Já fiz isso muitas vezes. E, do Raul, *A Maçã* é a terceira música que gravo. *Metamorfose Ambulante* é quase minha – as pessoas acham que é algo que me identifica porque já cantei essa música, e gravei, várias vezes. Quase que *Gita* entra agora [*na turnê Bloco na Rua, de 2019*], mas optei por *A Maçã*. Eu não tenho pressa. À *Distância*, de Roberto Carlos, ouvi num filme italiano. Fiquei tão arrebatado que pensei: “Um dia vou cantar essa canção”. Passaram-se vários anos até gravar em *Beijo Bandido* (2009). *Barco Negro* era da minha infância – eu tinha uma vizinha portuguesa que cantava aquela música. Depois, fui ver um filme francês em que aparecia a Amália Rodrigues cantando. Nem sabia o que ia ser quando crescer e, no meu primeiro disco solo, a gravei.

Além do Raul Seixas, nesta turnê você incluiu uma canção de outro cantor da sua geração, Sérgio Sampaio. Houve algum motivo especial?

Eu sempre quis cantar essa música do Sérgio Sampaio [Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua, *de 1972*]. Me lembro do impacto dela. Decidi que ia cantar essa música quando saiu a Phono 73 [*Phono 73 foi um festival de música realizado no Centro de Convenções do Anhembi, em São Paulo, em maio de 1973, registrado em dois CDs e DVD lançados em 2005*] e eu o vi cantar essa música. Achei aquele homem louco. A música ficou na minha cabeça. Neste trabalho, especialmente, eu queria pegar músicas de várias épocas. Não estava preocupado se aquela música tinha sido cantada 20 vezes por 20 cantores. Eu queria dar meu ponto de vista sobre ela.

E como é sua relação com um público de diferentes gerações?

Num show no Nordeste, subiu uma senhora de 80 anos no palco. Ela depois invadiu o camarim para me abraçar. Ela estava ótima. Acho que [*essa relação com o público*] passa pela coisa da sexualidade, mas não é de agora. Afinal, eu já “frequento” a casa dessas pessoas há muitos anos. Mas não as conheço. Acho que estou ali, no palco, para libertar. Sou um liberador e não reprimo nada. Só não podem me derrubar do palco. Teve um show em que eu me sentava na escada e cantava *Beija-me*, e elas vinham me beijar. Eu deixava. Como vou dizer “Beija-me” para a plateia, sentado numa escada, e não deixar que me beijem?

Quando você fala que só pode agradecer por chegar aos 78 anos, pensa que poderia ter feito algo diferente no passado?

Estou tranquilo e em paz com minha consciência. Trabalho sem parar há 46 anos. Não tiro férias. Houve uma época em que fazia dois shows, tinha duas bandas: uma parava e eu seguia com a outra banda. Fazia dois trabalhos ao mesmo tempo. Calhou de ser assim. Eu não decidi. Estava fazendo um show com a Aquarela Carioca e fiz um disco com músicas do Cartola. Eu tinha que fazer esse show [*com músicas do Cartola*] em três capitais para lançar um livro sobre o Cartola. O livro não chegou, mas fiz o show e houve uma repercussão grande que eu não esperava. Então, eu fazia o show do Cartola e outro com a Aquarela Carioca.

Você pensa em uma data limite para se apresentar no palco?

Não tenho uma data. Estou no lucro absurdo de cantar aos 78 anos e sei também que isso vai acabar em algum momento. Não sei quando porque estou começando essa turnê [*Bloco na Rua, 2019*] e não sei até quando vai. Por mais dois anos é fácil continuar a fazer shows. Na verdade, o real tempo de vida de um show é dois anos. Então, daria para completar 80 anos no palco. Minha voz não é igual à da época de Secos & Molhados. Eu era obrigado a cantar daquela maneira porque éramos um trio e era exigido de mim aquela voz. Só que minha voz agora tem mais nuances, mais médios, graves, além dos agudos. Claro que quando ouço a minha voz no Secos & Molhados acho linda, bem colocada, limpinha, mas hoje em dia tenho muito mais possibilidades vocais do que naquela época. Então, não pretendo sair dos palcos porque as pessoas estão desgostosas de me ver. Prefiro sair quando eu ainda estiver cantando. ■

A low-angle, close-up photograph of a skateboarder in mid-air, performing a trick. The skateboarder is wearing a light blue t-shirt and khaki pants. His right arm is extended upwards, and his left leg is bent, with the foot on the skateboard. The skateboard is decorated with colorful graphics, including a red and black design. The background shows a clear blue sky with light clouds, green trees, and a modern city building. The scene is set in an urban public square.

O skate ocupa praças,
escadas e outros espaços
públicos como o Largo da Batata,
na Zona Oeste da metrópole

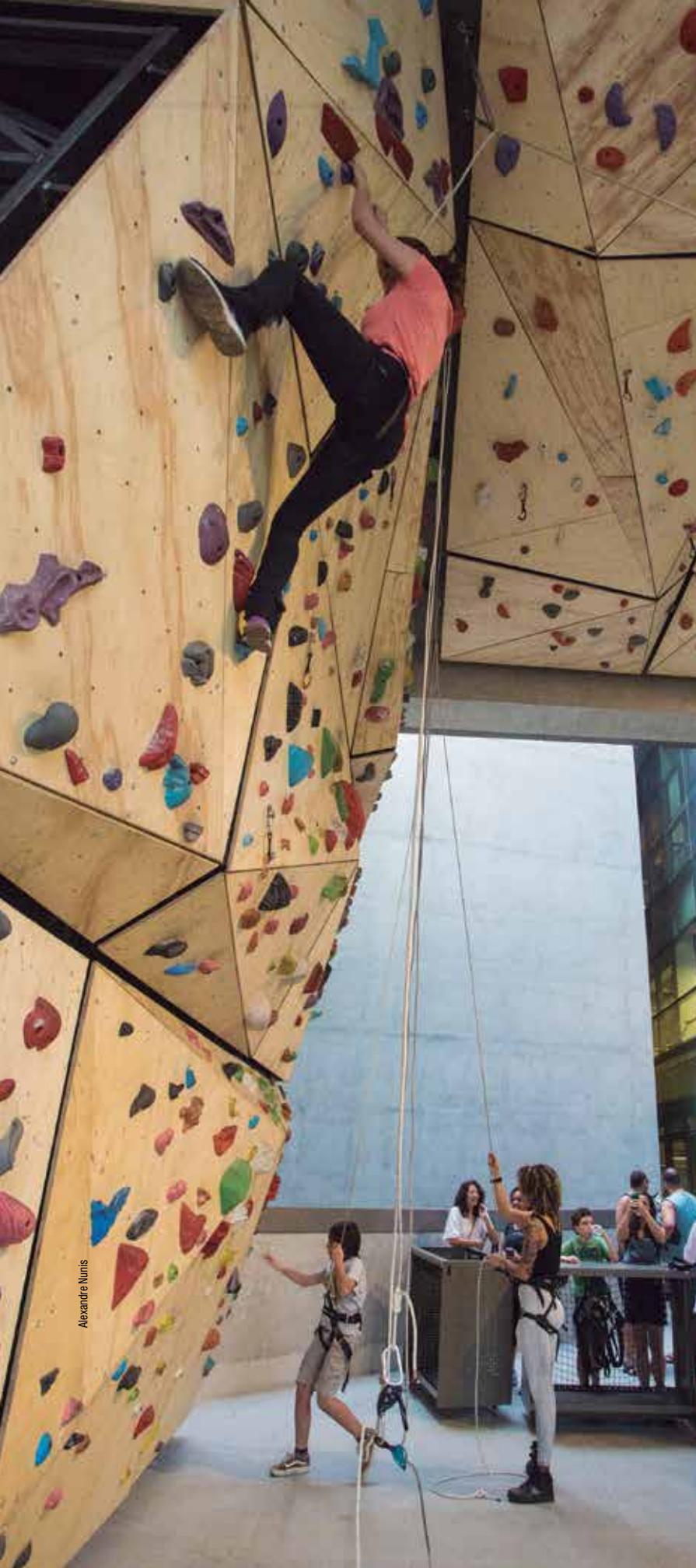
CIDADE OLÍMPICA

ESPAÇOS PÚBLICOS
MOVIMENTAM SÃO
PAULO COM NOVAS
MODALIDADES
ESPORTIVAS DOS JOGOS
DE TÓQUIO 2020

Plural, urbano e conectado. São essas as características que moveram o Comitê Olímpico Internacional a incluir novas modalidades nas Olimpíadas de Tóquio, que serão realizadas em julho deste ano. Quatro delas responderam por esse ajuste de foco amplo e democrático. Caso do skate, do beisebol, da escalada e do surfe. Sem falar do basquete 3x3, uma nova categoria dentro do basquetebol. Em São Paulo, essas e outras práticas esportivas movimentam e aproximam habitantes. Seja qual for sua tribo, a cidade que neste mês completa 466 anos é uma arena olímpica a céu aberto e ao seu alcance.

DO ASFALTO AOS GINÁSIOS

Segundo esporte mais praticado no país, depois do futebol, o skate ocupa a cidade como uma extensa e sinuosa pista. Ele nasceu nas ruas, entre guias, corrimões, ladeiras e bancos e soma novos simpatizantes e praticantes nas últimas duas décadas. Tanto que um dos ídolos de garotos e garotas hoje é o brasileiro Bob Burnquist, uma lenda da modalidade. Mas no começo, em meados da década de 1960, era um esporte marginalizado e vinculado à contracultura, segundo Murilo Romão, skatista profissional desde 2012. “Nossa esperança é que isso não mude.



Pelo contrário, acho que temos que levar toda a irreverência e criatividade do skate para os Jogos Olímpicos”, destaca.

Além disso, observa Murilo, os Jogos de Tóquio podem aproximar ainda mais gente desse esporte que também se apropria dos espaços urbanos com expressões como a música, a moda, o cinema e as artes visuais. “Nossa esperança é que esses Jogos Olímpicos tragam mais gente para curtir toda a cultura do skate”, complementa.

Outro esporte que nasceu no asfalto é o basquete 3x3. A estreia internacional aconteceu nos Jogos Olímpicos da Juventude, em 2010. Com o sucesso da modalidade, a Federação Internacional de Basquete (Fiba) desenvolveu um programa de regras para que pudesse organizar torneios específicos e inseri-la oficialmente no contexto olímpico. Afinal, segundo levantamento feito pela Fiba, 250 milhões de pessoas no mundo já praticaram ainda que apenas uma vez o basquete de rua. Desde pais e filhos, que entram numa quadra pública para brincar, até atletas.

Em São Paulo, o basquete de rua já era praticado em parques e clubes, mas sem as regras oficiais. “Em 2012 tivemos o primeiro evento oficial de basquete 3x3 no Parque da Juventude”, conta Márcio Vinícius Junqueira Cardozo, ex-jogador de basquete profissional e presidente da Associação Nacional de Basquete 3x3 (ANB3x3). Para Vinícius, a prática deve crescer na cidade. “Tanto que muita gente pratica em diversos parques, e novas quadras 3x3 devem ser inauguradas neste ano (leia boxe *Pratique já!*)”, acrescenta. ▶

No Centro de São Paulo, o Sesc 24 de Maio oferece a possibilidade de experimentar a prática da escalada *boulder*

Pratique já!

PRAÇAS, CLUBES E OUTROS ESPAÇOS FOMENTAM GRATUITAMENTE DIVERSAS ATIVIDADES

São Paulo é um centro esportivo para todos os públicos. Tanto que o resultado da pesquisa *Ranking das Capitais Brasileiras Amigas da Atividade Física*, realizada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e pela revista *Saúde* em 2018, aponta a cidade no primeiro lugar da lista. Conheça alguns espaços abertos para práticas esportivas:

ESCALADA

Sesc 24 de Maio

A unidade oferece a possibilidade de experimentar a escalada *boulder*, modalidade desse novo esporte olímpico. *Boulder* é um tipo de escalada em estruturas baixas, com altura aproximada de dois metros e colchão para segurança. A prática é feita por meio de travessias horizontais nas quais o participante usa técnicas de escalada e força para cumprir o objetivo e completar o trecho. Informações no portal www.sescsp.org.br.

Pico do Jaraguá

Ponto mais alto da cidade de São Paulo, com 1.135 metros de altitude, o Pico do Jaraguá mostra aos visitantes um panorama da capital paulista. Uma vista que alcança até 55 quilômetros de extensão. O pico fica dentro do Parque Estadual do Jaraguá, a aproximadamente 27 quilômetros do centro da cidade. Para escalar é preciso entrar em contato com o Parque Estadual Jaraguá para autorização e comprovação de expertise. Informações: (11) 3945-4532 ou pelo e-mail pe.jaragua@fflorestal.sp.gov.br.



Bruno Mesjino

Incluído nos Jogos de Tóquio, o basquete 3x3 é praticado em diversos locais, a exemplo do Parque Ibirapuera, que sedia eventos da Associação Nacional de Basquete 3x3

SKATE

Praça Roosevelt

Espaço icônico na região central da cidade frequentado por diversas tribos, entre elas a do skate. Em 2014, a praça ganhou um espaço exclusivo para skatistas profissionais e amadores. Com 1.150 metros quadrados, a pista que fica na lateral da praça, ao lado da Rua da Consolação, conta com obstáculos desenhados com a orientação de profissionais do esporte, que participaram da modulação do projeto.

Parque Cândido Portinari

Em junho de 2018, foi inaugurado no parque um espaço para a prática da modalidade *park*. São 830 metros quadrados de área e paredes, que chegam a três metros de altura. Como obstáculos: *transfers*, corrimãos e bordas. A pista tem padrão de qualidade internacionalmente reconhecido. O parque fica na Avenida Queiroz Filho, 1365, Vila Hamburguesa, próximo à estação Villa-Lobos-Jaguará da CPTM.

SURFE

Sesc Bertioga

Além das dezenas de picos de surfe no litoral paulista, esta unidade, a pouco mais de uma hora de São Paulo, realiza atividades gratuitas de surfe. Em janeiro, o curso *Surf para iniciantes* é voltado para quem deseja experimentar – jovens e adultos, além de crianças a partir de sete anos. As inscrições serão feitas 30 minutos antes da atividade e as vagas são limitadas. (Dia 11/1, das 15h30 às 17h30)

BASQUETE 3X3

Parque Villa-Lobos, Ibirapuera e Juventude

Essa nova categoria do basquete, ainda conhecida como basquete de rua, pode ser praticada em locais públicos, a exemplo dos parques Villa-Lobos, Ibirapuera e Juventude. "Neste ano queremos inaugurar um Centro de Formação de Basquete 3x3 no Centro Esportivo Joerg Bruder, em Santo Amaro. Haverá um professor para dar aulas gratuitas", antecipa Márcio Vinícius Junqueira Cardozo, ex-jogador de basquete profissional e presidente da Associação Nacional de Basquete 3x3 (ANB3x3).

► PARA DIVERSIFICAR

Outro esporte que pode ser praticado na cidade é o beisebol, um dos mais populares do país-sede das Olimpíadas 2020. O Estádio Municipal de Beisebol Mie Nishi, localizado no bairro do Bom Retiro, Centro, é o único espaço público no Brasil dedicado à modalidade. Há quase 55 anos, o local ainda sedia jogos do circuito de competições das entidades oficiais do beisebol (nacional, estadual e regional).

E, para praticar outras duas novas modalidades dos Jogos de Tóquio 2020, a escalada e o surfe, há também a possibilidade de escapar para as montanhas ou para a praia, em locais não muito distantes da cidade. O número de praticantes de escalada, por exemplo, vem crescendo. “Essa pode se tornar uma atividade mais democrática e inclusiva a cada dia, com o surgimento de novos espaços públicos”, garante o instrutor Ricardo Luis Corrêa, que acumula mais de 20 anos de experiência na área e é responsável pelo monitoramento de escalada do Sesc Araraquara.

Já a quantidade de pranchas no litoral consegue bater recordes: São Paulo é a cidade não litorânea com o maior número de surfistas em todo o mundo, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria e dos Esportes com Prancha. Feita a escolha, é hora de ocupar a cidade e se movimentar. ■



Além das diversas opções no litoral paulista, o Sesc Bertiooga realiza atividades voltadas ao surfe no mês de janeiro

Chegou o verão!

OFICINAS,
AULAS,
BATE-PAPOS
E OUTRAS
AÇÕES PELA
SAÚDE, BEM-
ESTAR E
CONVÍVIO

Em janeiro, o clima olímpico chega ao Sesc São Paulo, já que o Sesc Verão – que vai até 1º de março – volta sua programação para modalidades olímpicas e paralímpicas. Até fevereiro serão realizadas aulas, cursos, palestras, oficinas e outras ações em unidades da capital, interior e litoral. “Cada unidade escolheu algumas modalidades com a missão: entender-se como um ator social que fomenta, articula, integra e potencializa ações de instituições, administrações públicas, universidades, empresas e pessoas que atuam em favor do esporte no estado de São Paulo”, explica Júlio César Pereira Jr., assistente na Gerência de Desenvolvimento Físico-Esportivo do Sesc São Paulo.

Confira alguns destaques deste mês:

BERTIOGA Surfando com David Almeida da Silva

Nascido e criado na Prainha Branca (Guarujá), David é campeão desde os cinco anos e atleta de ponta. Nesta atividade, ele vai falar sobre sua trajetória no esporte, dar dicas e muito mais. (Dia 11/1, das 15h às 17h)



Foto Nativa

INTERLAGOS

Provas de 100 e 200 metros – com Gustavo Araújo e Franciela Krasucki

Nesta aula especial, o público irá conhecer os atletas Gustavo Henrique Araújo, atleta paralímpico brasileiro recordista mundial, e Franciela das Graças Krasucki, medalhista de ouro no revezamento 4x100 m nos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, em 2011. Ambos irão compartilhar experiências sobre as provas de velocidade no atletismo. (Dia 12/1, das 10h às 12h)

CAMPO LIMPO

Apresentação Esportiva de Skate – com Pâmela Rosa

Atual número 1 do mundo e campeã mundial 2019 no Street, Pâmela Rosa estará na pista de skate da unidade andando junto com o público, que poderá conhecer de perto a atleta. (Dia 18/1, das 16h30 às 18h30)

PARQUE DOM

PEDRO II Abertura da Liga ANB de Basquetebol 3x3 – Elite

A unidade receberá a abertura da Liga de Basquete 3x3. Evento que reúne as principais equipes do Brasil e os amantes desse esporte que cresce a cada dia. (Dia 25/1, das 13h às 18h, e dia 26/1, das 10h às 17h)

CARMO

Enduro a pé – Cartografia de boxe e basquete no centro de São Paulo

Ao longo do trajeto serão explorados os espaços de prática de boxe e basquete no centro de São Paulo. A saída dos participantes será da unidade do Carmo e a chegada será no Sesc Parque Dom Pedro II. (Dia 25/1, às 8h)

Questão social em jogo

PRÁTICAS ESPORTIVAS EM LOCAIS PÚBLICOS ESTIMULAM TROCAS E PROMOVEM ENCONTROS

Amplificar a possibilidade de práticas esportivas em espaços públicos também significa aproximar seus habitantes. “Há múltiplas formas de apropriação do espaço urbano e o esporte é uma delas. A cidade parece ser um ambiente hostil, mas se olharmos de perto e de dentro perceberemos que as pessoas utilizam esses espaços também para se encontrar. Os moradores da cidade, mesmo que ela seja tomada por carros e por desenhos, ocupam ou constroem esses lugares”, aponta o antropólogo e professor titular da Universidade de São Paulo (USP) José Guilherme Magnani.

Um exemplo da importância de espaços públicos voltados para a prática esportiva é a ação realizada pelo Sesc Ipiranga em parceria com a comunidade de Heliópolis, Zona Sul de São Paulo. Desde 2017, essa unidade vem mapeando espaços em locais de seu entorno. “Nosso estudo mostrou diversos espaços subutilizados. Desde então começamos uma ocupação urbana esportiva. Trabalhamos junto a representantes e líderes da comunidade para revitalizar estes locais tão importantes para a prática esportiva quanto para outros usos e encontros de toda a comunidade”, conta Camile Lopes Magalhães, supervisora de esportes da unidade.

Neste mês e em fevereiro, por exemplo, a Praça Altemar Dutra receberá atividades de vôlei, basquete (sentado) e handebol, além de outras modalidades praticadas pela comunidade. A programação faz parte do projeto *Conexidade pelo Esporte*, que integra a programação do Sesc Verão (leia boxe *Chegou o verão!*). O Sesc Ipiranga também receberá atividades da comunidade de Heliópolis na unidade.

Também na Zona Sul, outro exemplo de apropriação social do espaço urbano pelo esporte é realizado pelo Instituto Ação Geral. Uma organização não governamental que, há 19 anos, promove ações no âmbito cultural e esportivo visando ao bem-estar social da região. Atividades como caminhada e futebol são realizadas no Jardim Mitsutani, Capão Redondo. “Nosso foco são as crianças porque acreditamos que a partir delas é que chegaremos aos adultos: pais e familiares. A faixa etária é a partir dos sete anos e não tem limite de idade”, explica Professor Luizinho, responsável pela ONG.

Na sede do Ação Geral, há salas, banheiros, vestiários e uma quadra reformada com materiais doados pelo Sesc Santo Amaro, unidade parceira do instituto. “A partir dessas atividades esportivas, falamos sobre outros assuntos com a comunidade. As pessoas estabelecem uma proximidade além do convívio social comum. Então, temos desde o ganho ao ver crianças e adultos saírem do sedentarismo até o ganho social”, complementa.



No Capão Redondo, o Instituto Ação Geral promove ações no âmbito cultural e esportivo visando ao bem-estar social

ANNA BELLA
GEIGER

O Governo do Estado de São Paulo, por meio da
Secretaria de Cultura e Economia Criativa,
e lochpe-Maxion apresentam



Cena da obra "Circumambulatio" (1972), de Anna Bella Geiger

Brasil nativo/ Brasil alienígena

Curadoria Adriano Pedrosa e Tomás Toledo (MASP)

Visite a exposição até 1º de março

MASP
Av. Paulista, 1.578
masp.org.br

Sesc Avenida Paulista
Av. Paulista, 119
sescsp.org.br/avenidapaulista

Patrocínio

Correalização

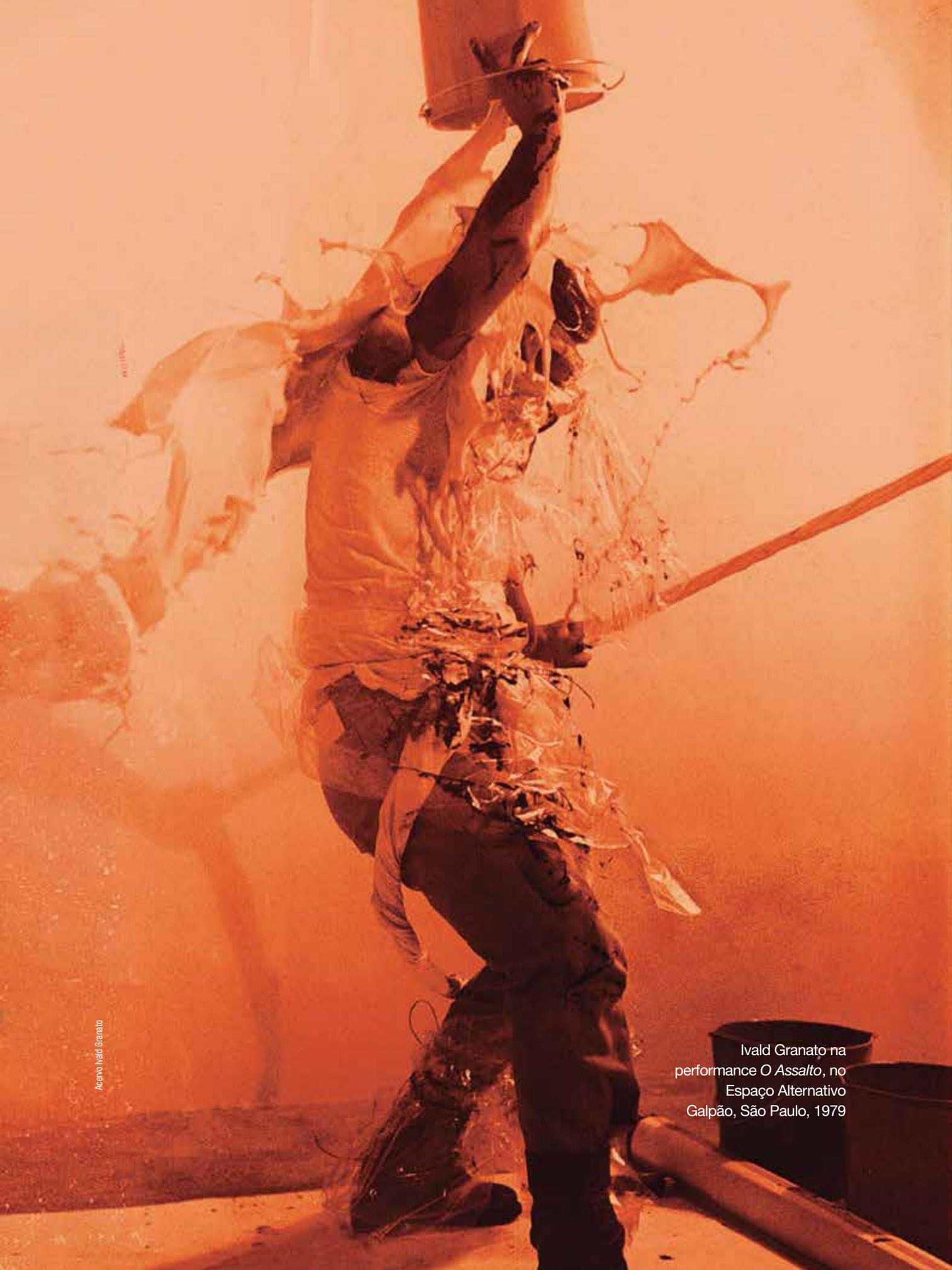
Realização



MASP



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa



Arquivo Ivald Granato

Ivald Granato na performance *O Assalto*, no Espaço Alternativo Galpão, São Paulo, 1979

Quantos eu puder ser

MULTIARTISTA PIONEIRO NA
PERFORMANCE, VIGOROSO
NA PINTURA E NO DESENHO,
UM MESTRE NA PROVOCAÇÃO

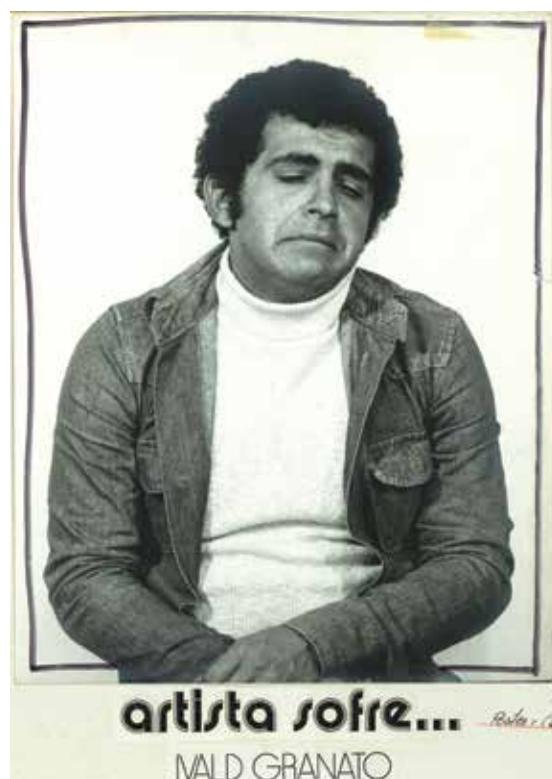
Ivald Granato era muito organizado na criação e execução de suas obras. Separava as tintas por tons, colecionava miniaturas e reaproveitava o material. Os restos de papel, recortes de revistas e jornais eram armazenados em sacos plásticos e reutilizados em suas colagens. “Trabalhos em técnica mista que adorava fazer”, lembra a filha do artista, a jornalista Alice Granato, responsável pela consultoria, pesquisa e coordenação editorial da exposição *My Name Is IVALD GRANATO Eu Sou*, em cartaz no Sesc Belenzinho (leia boxe *Meio século de inquietação*).

Passou a infância entre lápis e pincéis, em Campos dos Goytacazes, no interior do estado do Rio de Janeiro, cidade onde nasceu em 1949. Ao longo do tempo, foi desenvolvendo uma expressão vigorosa na pintura, inicialmente por influência dos pintores cubistas. Esse foi o ponto de partida para os outros capítulos de sua produção, que se estendeu a colagens e performances, utilizando uma variedade de suportes – entre eles, objetos do cotidiano, como tapetes e louças.

CADERNOS DE ARTISTA

Em 1967, ingressou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na capital do estado, mas, antes disso, estudou pintura com Robert Newman, em Vitória, no Espírito Santo.

Suas experiências o conduziram à realização de projetos de performance e intervenções iniciadas em meados da década de 1960. Segundo Daniel Rangel, curador da exposição do Sesc Belenzinho, essas formas de expressão são centrais em seu processo criativo. O curador também salienta o papel dos personagens criados pelo artista. “A Safada de Copacabana, Césiquer e Ciccillo eram os destaques de suas performances, muitas vezes realizadas para vídeo, as videoperformances”, comenta.



Artista sofre, 1978, registro de performance

Arquivo Lorris Mechiato



Granato Estúdio no ateliê da Henrique Schaumann com Avenida Rebouças em meados da década de 1980

Entre as características de Granato apontadas pela crítica especializada destacam-se o vigor na utilização das cores e o conjunto formado pela combinação com seu traço, em composições em que a pintura e o desenho poderiam andar juntos.

O confete não era desmedido, tanto que sua técnica o levou a receber, em 1979 e 1982, o prêmio de Melhor Desenhista do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). A multiplicidade de processos criativos se revelou na inserção em diversos círculos, da vanguarda à pop art. Por isso, é comum relacionar sua obra à psicodelia, ao erotismo, ao abstracionismo, ao figurativo, ao fantástico, ao tropicalismo.

Reconhecido pela versatilidade, espírito livre e irreverência, Granato foi pintor por excelência, tingindo sua prática com tons autobiográficos. “Havia uma ligação muito grande entre a vida e a arte. Era praticamente uma coisa só. Toda sua movimentação

e simpatia se refletiam no gesto solto e espontâneo do seu desenho”, afirma o amigo, arquiteto e pintor Claudio Tozzi, em depoimento para a exposição.

TÃO LIVRE

Nos anos 1980, ele passou a morar em São Paulo, onde montou um ateliê em Pinheiros, na esquina das avenidas Henrique Schaumann e Rebouças, movimentado centro cultural. O dinamismo local e sua mente sempre em ebulição fizeram despontar o agitador cultural.

Talento e liberdade criadora não eram apenas traços pessoais, mas se tornaram legado, por meio da experimentação de linguagens e suportes. “Foi um dos primeiros artistas multimídia do país, antes mesmo da existência do termo”, acrescenta Rangel, que cita o potencial de transformação de tudo que passava por suas mãos em arte.

Nos anos 1990, estava instalado com a família em um bairro mais residencial, o Alto de Pinheiros, onde manteve sua rotina de desenho e pintura, agregando personalidades da música e do jornalismo, além dos parceiros. Sua filha, Alice, menciona que até o casamento dos pais, em Campos dos Goytacazes (RJ), foi um ato performático. Imaginem um casamento hippie realizado num coreto de praça com a presença de 10 mil pessoas. Pois é. Foi assim.

UMA REFERÊNCIA

As criações e parcerias pavimentaram seu legado e o diálogo com as gerações futuras. A jornalista Barbara Gancia, por exemplo, o designou como uma figura mais querida do que muitas bandas de rock juntas. Nessas sintonias afinadas da vida, Granato foi homenageado pela icônica The Rolling Stones. Amigo do guitarrista e também pintor, Ronnie Wood, ele teve uma participação especial no documentário *The Rolling Stones Olé Olé Olé: A Trip Across Latin America* (Paul Dugdale). O filme é de 2016, mesmo ano da morte de Granato, e foi dedicado à memória do artista. Também fez diversas intervenções

Explosão criativa

UMA SELEÇÃO DE ATUAÇÕES MARCANTES DO ARTISTA

“A performance é diferente de teatro, não tem marcação de palco, não tem interpretação, tem de começar, explodir e acabar, não pode dar continuidade, não pode ser um folhetim, não pode ser uma peça... É uma coisa que vem, tem vida e vai, some no ar. E isso me encantou”, escreveu o artista no livro *Ivald Granato - Art Performance* (J.J. Carol, 2008).

A seguir, uma seleção de performances:

A SAFADA DE COPACABANA (1965)

Aconteceu em sua cidade natal, Campos dos Goytacazes (RJ). Aos 15 anos de idade e em trajes femininos, impactou com sua ousadia. Tempos depois, a performance foi refeita nos vídeos *Ivald Granato in Performance*, dirigidos por Tadeu Jungle e Walter Silveira. Curiosos? Eles podem ser vistos na exposição *My Name Is IVALD GRANATO Eu Sou*.

MITOS VADIOS (1978)

Uma paródia à Bienal Latino-Americana de Artes, feita na Rua Augusta, em São Paulo, com a participação de Hélio Oiticica, Hector Babenco, entre outros. O objetivo era confluir pintura, música e teatro.



Acervo Ivald Granato

MEU ROMANCE COM ANDY WARHOL (1980)

Teve como cenário a Pinacoteca do Estado de São Paulo e no nome faz referência explícita ao artista pop. Nesta criação, Granato estiliza sua praia, abre o guarda-sol e, para todos assistirem, pinta os cabelos no tom amarelo Warhol, com participação do seu filho Diogo Granato.



Acervo Ivald Granato



Acervo Ivald Granato

Cãoman, s.d.
Acrílica sobre madeira
175 x 118 x 60 cm

► na imprensa nacional, entre elas já estampou a capa da *Revista E* em três edições: em outubro de 1994, julho de 1995 e novembro de 2019.

No ateliê ou em casa, a dedicação à pintura era contínua. As tintas corriam soltas estando só ou acompanhado. Segundo Alice, nada era capaz de turvar sua concentração. “Vejo os dois momentos. Na pintura, mais expansivo e, no desenho, mais reservado”, diz. De fato, o prefixo “multi” cai muito bem: Granato foi multiartista, multimídia, com multiamigos e confortável em suas múltiplas faces, todas dispostas em livre acesso na sua carreira. ■



Arquivo Ivald Granato

Granato com Ronnie Wood, guitarrista dos Rolling Stones. Ao lado, imagens produzidas exclusivamente para a capa da *Revista E*, em outubro de 1994 e julho de 1995



Meio século de inquietação

EXPOSIÇÃO COM MAIS DE 500 OBRAS DE GRANATO
REFAZ TRAJETÓRIA DE OUSADIA E LIBERDADE

Quantidade e qualidade. É o que se pode esperar da exposição *My Name Is IVALD GRANATO Eu Sou*. São mais de 500 obras do artista divididas em seis núcleos para revelar nuances do processo criativo, sintonizando sua produção realizada a partir dos anos 1960 com o que está sendo feito hoje nas artes visuais brasileiras. Há uma linha do tempo que parte de 1968. Aborda a “ruptura do suporte e a figuração do corpo humano e encontra o abstracionismo, reunindo obras que integram acervos de instituições, coleções particulares e, em sua maioria, de sua família”, detalha Daniel Rangel, curador da mostra.

O projeto reúne uma seleção de pinturas, objetos, desenhos e cadernos de artista, além de recursos digitais, como a proposta de Tadeu Jungle, que concebeu uma experiência imersiva com obras de Granato, disponibilizando ao público óculos de realidade virtual. A exposição pode ser vista até 26 de janeiro no espaço expositivo e no átrio do Sesc Belenzinho.

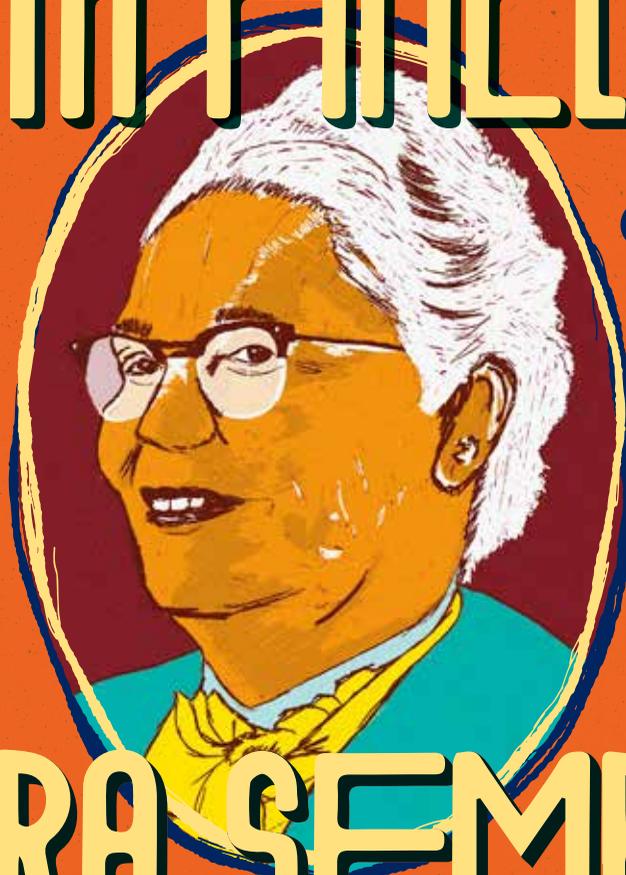
Sem título (Monalisa) (série *Heads*), anos 2000
Reprodução fotográfica (Giclee), 66 x 48 cm



Arquivo Ivald Granato

LANÇAMENTO
SELO SESC

TIA AMÉLIA



HERCULES GOMES

PARA SEMPRE

Uma homenagem ao choro
dedilhado de Tia Amélia

DISPONÍVEL NAS LOJAS SESC SP E
TAMBÉM EM NOSSA LOJA VIRTUAL

Conheça o catálogo
completo do Selo Sesc:
sescsp.org.br/loja



selo
SESC

MULHERES de FIBRAS

A PRODUÇÃO ARTESANAL ROMPE BARREIRAS
E SE PROJETA COMO GENUÍNA EXPRESSÃO ARTÍSTICA

No dicionário, o termo “artesinato” é definido como técnica de trabalho do artesão, que alia utilitarismo à arte. Para ampliar esse entendimento, a exposição *EntreMeadas*, no Sesc Vila Mariana, propõe um novo olhar sobre essa prática. Com curadoria da jornalista e pesquisadora de arte e design Adélia Borges, a mostra ressalta a qualidade artística dessas narrativas criativas e poéticas que transcendem a habilidade manual.

“Na perspectiva hierarquizada da cultura que permeia a nossa sociedade, o artesanato é visto como o último degrau, longe até da chamada arte popular”, explica Adélia, que foi diretora do Museu da Casa Brasileira [*entre 2003 e 2007*] e já escreveu mais de 30 livros sobre artesanato, arte e design. “Para muitos, o vocábulo [*artesinato*] é uma forma de desqualificação de quem o fez.”

A curadora acredita que o contato com essas manifestações seja uma forma de “despir o olhar de preconceitos e prejulgamentos para descobrir uma densidade poética notável nos trabalhos de comunidades de artesãs”. Um exemplo é o trabalho realizado por grupos e coletivos de artesãs no estado de São Paulo, apresentado em *EntreMeadas*, obras feitas à mão e que conduzem o público por outra linha de expressão e compreensão. “A maneira de expor as obras procura conferir a dignidade que esses trabalhos merecem e que, via de regra, lhes é negada”, enfatiza Adélia, que participa do comitê científico da 12ª conferência do *International Committee for Design History and Design Studies* (ICDHS), a ser realizada em Zagreb, Croácia, em outubro. ■

ENTRE NÓS

Pontos, fios e tramas costuram a pluralidade da artesanaria paulista

No Sesc Vila Mariana, até 9 de fevereiro, a exposição *EntreMeadas* convida o público a imergir na produção de artesãs que integram 20 coletivos do estado de São Paulo, um patrimônio cultural composto por saberes e fazeres manuais a partir de linhas, fios, fibras e outros materiais que ganham simbologia transformando-se em tecelagens, rendas e novas tramas. Peças que costuram narrativas e dialogam com a identidade cultural de suas comunidades de origem, como o trabalho realizado pelo coletivo Rendeiras da Aldeia, de Carapicuíba, ou pelo Mulheres Artesãs da Enseada da Baleia, de Cananeia. O relato da curadora Adélia Borges resume a importância da iniciativa: “Na noite de abertura [*em outubro de 2019*], a veterana Lucinda Bento, 78 anos, tecelã de Américo Brasiliense, fez uma fala emocionante sobre o artesanato como expressão da cultura. E em 23 de novembro ela faleceu. É um privilégio ter sua obra na mostra. Nos perguntamos quantas *Lucindas* não há por aí. Pessoas que passaram a vida expondo em praças e batalhando em ocupações subalternas, sem o reconhecimento devido”.

BAIXE NOSSO APP E
VEJA MAIS IMAGENS





Fotos: Mariana Chama

Bordado sobre percal 400 fios e linha de algodão, do grupo Bordadeiras do Jardim Conceição (Osasco). Acervo Museu A Casa.





Cestas de taquara e cipó-de-imbé, das irmãs Poty Justina (TI Tenondé Porã, São Paulo) e Ara Florinda (TI Takuari, Eldorado), do povo indígena Guarani Mbya.

◀ Detalhe de vestido infantil em fita de algodão (lacê) e linha de algodão, das Rendeiras da Aldeia (Carapicuíba).



Flores em palha de milho em cor natural e com tingimento, de Jorlene Higina Rosa e Esperança Rosa, do quilombo Sapatu (Eldorado).

ACIDE
CRIM

Detalhe de bordado em mix de linhas com aplicação de peças de Murano, base de *voile* de algodão tingido sobre linhão, de Sonia Bianco, do coletivo Piradas no Ponto (São Paulo).

NTE ?
ME ?





Bordado sobre linho, de Ervelinda Gumz Klug, da ACTC – Casa do Coração (São Paulo).

▼ Bordado em *mix* de linhas sobre linho tingido, com aplicação de canudinho de plástico cortado e canutilhos, de Adriana Gragnani, do coletivo Piradas no Ponto (São Paulo).

Loucura, obra de lã tingida e barbante, de Lucinda Bento (Américo Brasiliense). ►









Panos para elaboração de almofada, de Ervelinda Gumz Klug, da ACTC – Casa do Coração (São Paulo).



SUA VEZ!

JOGOS ATRAVESSAM SÉCULOS CONVIDANDO

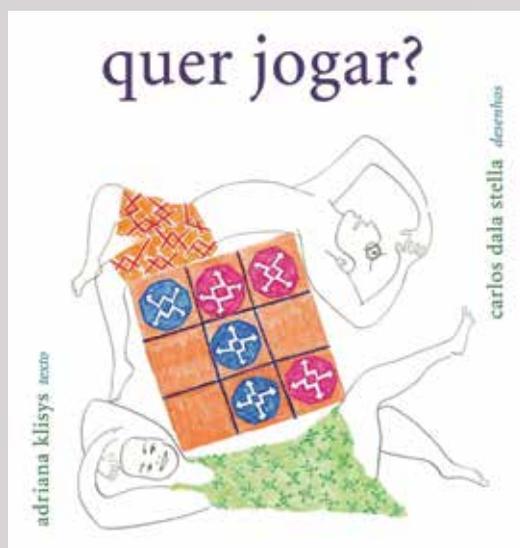
ADULTOS E CRIANÇAS A BRINCAR E APRENDER

Bastava uma pausa no dia, e um espaço no chão da sala, para uma criança fazer o pedido: “Vamos jogar?”. As palavras mágicas davam a largada ao momento especial do jogo de damas ou de algum outro, em que os dados determinariam a quantidade de casas a avançar ou recuar. Xadrez, gamão, Jogo da Vida, War, Banco Imobiliário, entre vários exemplos, atravessam gerações, culturas e continentes promovendo diversão, aprendizado e interação.

A origem de tradicionais jogos de tabuleiro, como xadrez e gamão, é um enigma investigado por arqueólogos, historiadores e outros pesquisadores. Há pouco mais de um ano foram encontrados indícios de um jogo de tabuleiro de quatro milênios na região de Baku, no Azerbaijão. No livro *Quer Jogar?* (Edições Sesc São Paulo, 2010), a pesquisadora e psicóloga Adriana Klisys e o poeta-pintor Carlos Dala Stella contam que o jogo de damas, por exemplo, existe da forma como o conhecemos desde o século 16. De lá para cá, ele se difundiu em diversas culturas, ganhando identidade própria e outras versões em países como Inglaterra, Turquia, Rússia e Canadá.

“A maioria dos jogos é de autoria, tempo histórico e localidade nebulosos. Até hoje a humanidade continua retomando os jogos inventados há séculos, embora conceba uma infinidade de outros novos”, descreve Adriana na obra. Tanto que, até hoje, adultos, jovens e crianças se reúnem para uma partida de damas ou de *Os Colonizadores de Catan*, considerado precursor de novas possibilidades para os atuais e futuros modelos.

Capa do livro *Quer Jogar?* (Edições Sesc São Paulo, 2010), de Adriana Klisys, com ilustrações de Carlos Dala Stella





Anderson Rodrigues

Criado pelo designer alemão Klaus Teuber em 1995, esse jogo de tabuleiro moderno acrescentou outra mecânica para além da competição. “Nele, não se trata apenas de mover os peões de ‘x’ a ‘y’, mas também promover uma conversa entre os participantes para trocas de peças durante o jogo”, explica André Dembitzky, empresário que trabalha neste segmento há 22 anos.

Atualmente, existem mais de 30 mil jogos de tabuleiro no mundo. Muitos podem ter uma logística semelhante, caso do Banco Imobiliário e do Monopoly. Mas há também, destaca André, jogos com diversas abordagens. “Hoje, principalmente na Alemanha, utilizam-se jogos baseando-se em mecânicas pedagógicas.”

JOGANDO E APRENDENDO

O jogo também é um momento lúdico para aprender a lidar com a frustração, entre outras situações. “Na maioria das vezes, as crianças começam a entender o que é perder ou ganhar a partir dos seis anos. Nesse momento é importante mostrar que esses dois lados fazem parte do mecanismo da diversão e que ela está ganhando ou perdendo para o jogo. Tanto que hoje há

jogos cooperativos em que a criança trabalha em grupo e ganhar ou perder é experimentado coletivamente”, afirma André.

É também no tabuleiro que se tem contato com diferentes escolhas – Avanço ou recuo? Movimento o peão ou o bispo? – além de regras. Afinal, como seria um mundo sem regras? “Não as autoritárias, impostas, mas aquelas que dão sentido à convivência social”, pondera Adriana no livro. A partir das regras do jogo, “a criança desenvolve comportamentos de apreço à coletividade e espera que as regras combinadas sejam consentidas e cumpridas, justamente porque são carregadas de sentido”, complementa a autora de *Quer Jogar?*.

Sejam tradicionais ou modernos, os jogos de tabuleiro são ferramentas essenciais para a experiência de ser humano e de convivência em grupo. No futuro, André acredita que eles fortalecerão ainda mais os laços sociais. “Além de se reunirem para jogar futebol ou mesmo ir ao cinema, as pessoas podem se encontrar para um jogo de tabuleiro. Não vamos nos limitar a jogar somente quando estiver chovendo ou não der para ir à praia. Jogo de tabuleiro não é perda de tempo, mas uma experiência”, conclui. ■

Avance duas casas

VIVÊNCIAS, OFICINAS E EXPOSIÇÃO MERGULHAM NO UNIVERSO DO RACIOCÍNIO, CRIATIVIDADE E ESTRATÉGIA

Nestas férias, que tal ensinar às crianças, ou aprender com elas, um jogo de tabuleiro? Em janeiro, unidades do Sesc São Paulo realizam atividades para todas as gerações. Entre os destaques está a exposição *Jogo, Logo Existo!*, no Sesc Bertioga, que conta episódios da história desses jogos e apresenta modelos contemporâneos em que raciocínio, estratégia e criatividade são peças-chaves.

“Os novos jogos de tabuleiro conseguiram trazer de volta a importância do jogo e do encontro ao vivo, pois eles criam as mais inventivas dinâmicas entre amigos, que exigem inteligência, pensamento estratégico e criatividade. Ao trocar a sorte pelo raciocínio, o surgimento de novos jogos só cresce. Além de novos títulos, há também uma nova leva de designers de jogos, incluindo brasileiros”, destaca Guilherme Leite Cunha, um dos curadores da mostra e técnico de programação em artes visuais do Sesc Bertioga.

Confira outros destaques deste mês:

24 DE MAIO

Faça seu jogo de tabuleiro baseado em filmes

Neste curso, as educadoras de tecnologias e artes do Sesc Anita Cavaleiro e Tatiane Colevati vão mostrar aos participantes (a partir de 16 anos) as mecânicas básicas para se criar um jogo de tabuleiro. A partir de regras que podem ser colaborativas, competitivas, time contra time e contra-o-tempo, os jogos criados nesse curso poderão ser o centro da diversão de indivíduos, duplas ou grupos. Como inspiração, serão disponibilizadas referências de filmes das décadas de 1980 e 1990, cuja discussão e análise (a partir de cenas icônicas) serão o ponto de partida. (De 15/1 a 19/2, às quartas-feiras, das 14h às 17h)

ITAQUERA

Brincando na Praça

Nesta vivência realizada pela Equipe Supimpa, Eventos e Esportes, serão realizadas atividades de jogos e brincadeiras voltadas ao público infantojuvenil, como jogos do mundo, jogos cooperativos, jogos e brincadeiras cantadas, jogos indígenas, jogos circenses e jogos de tabuleiro. (Dias 2 e 3/1, quinta e sexta-feira, das 13h às 17h. Como ação preventiva, ao visitar o Sesc Itaquera, recomendamos que esteja vacinado contra a Febre Amarela há mais de 10 dias)

SANTO AMARO

Jogos de todo o mundo

Nesta oficina com o Coletivo Semear, os participantes irão conhecer a história dos jogos de tabuleiro, confeccionar e jogar jogos que possuem um papel importante em muitas sociedades africanas e asiáticas, comparável ao xadrez no Ocidente. Entre eles: Resta1, Luta na Selva, Trilha, Mancala, Três em linha e Futebol de vidrinho – jogos de estratégia e desenvolvimento de raciocínio lógico. (De 11/1 a 8/2, sábados, das 15h às 18h)



Foto: Natália

BERTIOGA

Jogo, Logo Existo!

Sob curadoria de Célio Gardini e Guilherme Cunha, a exposição na área de convivência da unidade apresenta, de modo lúdico e imersivo, uma breve história dos jogos de tabuleiro. A mostra também reúne jogos do período da Revolução Industrial até os dias de hoje, com o ressurgimento dos jogos de tabuleiro, em que a sorte é substituída pela estratégia. (Até 29/2, segundas a domingos, das 9h às 23h. Atividade voltada apenas para hóspedes).

O QUE VOCÊ ESQUECEU DE ESQUECER?
O QUE VOCÊ ESQUECEU DE LEMBRAR?
O QUE VOCÊ LEMBROU DE ESQUECER?
O QUE VOCÊ LEMBROU DE LEMBRAR?

Memória e arquivo na arte

Ao ser classificado e guardado, um arquivo preserva aquilo que não queremos que seja esquecido. Dessa forma, ele reforça a narrativa de um passado para a construção do presente. No campo das artes visuais, a partir da década de 1960, a arte conceitual trabalha esse conceito. “Nesse momento, o arquivo corresponde a um modo singular de como as manifestações artísticas são colocadas à prova. O arquivo-obra torna-se um dispositivo que permite o questionamento do mercado, uma atitude na contramão da objetificação da obra e de sua fisicalidade”, explica a curadora Katia Canton, que já foi diretora do Museu de Arte Contemporânea (MAC) e atualmente é diretora artística do Museu Internacional da Mulher Associação (Mima) em Lisboa, Portugal. Outra perspectiva é analisada pela pesquisadora, curadora e professora Ana Pato, que, desde 2009, investiga a relação entre arte contemporânea e arquivo. “Para os artistas, os arquivos vão exercer a função de um laboratório experimental de investigação sobre o lado irracional da sociedade moderna”, destaca Pato, responsável pela curadoria da exposição *Meta-Arquivo: 1964-1985*, que esteve em cartaz no Sesc Belenzinho até novembro de 2019. Afinal, por que e de que forma a arte se volta para arquivos e memórias catalogadas? Sobre este tema, Canton e Pato tecem reflexões.

Perguntas às Pedras, Série 2 (neon), de Giselle Beiguelman, parte da exposição Meta-Arquivo: 1964-1985, que esteve em cartaz no Sesc Belenzinho até novembro de 2019

Arte e Arquivo

KATIA CANTON

O arquivo coleta, organiza, classifica. No fundo, pode-se afirmar que a noção de arquivo perpassa toda a história da arte e da humanidade. O arquivo como lugar destinado ao armazenamento de dados, informações e materiais está na base da construção da memória cultural humana desde os primórdios. Ao soprar pigmentos de cor e demarcar as mãos contra as paredes das cavernas, por exemplo, nossos ancestrais estavam criando um arquivo de impressões que documentavam a própria existência e testemunhavam-na para as próximas gerações. Eis uma forma de arquivo.

É fácil entender que as experiências histórico-culturais de que temos notícias e, em última instância, aquelas que oferecem possibilidades de pesquisa por meio de um corpo de evidência passam ou passaram por um processo de registro e arquivamento. Isso, sim, refere-se a um alargamento do termo, dedicado a pensar o arquivo como acervo do que fomos guardando e deixando como rastro existencial. No entanto, ao longo do tempo é possível identificar a materialização de determinadas práticas que se aproximam do arquivo tal como o entendemos hoje.

Um exemplo interessante da sistematização do arquivo refere-se aos chamados Gabinetes de Curiosidades, que se tornaram uma praxe na Europa na era das navegações e dos grandes descobrimentos, nos séculos 16 e 17. Como resultado do material coletado nas Américas e na Ásia, europeus viajantes traziam amostras do que lhes parecia mais interessante, valioso e exótico, organizando esses arquivos em chancelas diferentes.

Assim, tínhamos o gabinete de *naturalia*, no qual eram agrupados criaturas e objetos naturais; *exotica*,

no qual eram agrupados plantas e animais exóticos; e *scientifica*, com os instrumentos científicos. E ainda havia os gabinetes de *artificialia*, dedicados a guardar objetos modificados pela mão humana, tais como antiguidades e obras de arte.

Os Gabinetes de Curiosidades eram modos de arquivamento referentes a propriedades privadas, seguindo a lógica de sistematização de seu dono. Eram salas destinadas ao estudo, à apreciação estética e ao exercício intelectual. Eram também uma demonstração de poder. Para os visitantes que tinham acesso a eles por meio de convites, era um lugar de deslumbramento. Ainda que suas práticas se voltassem, na maioria dos casos, à exibição privada, as exposições nos gabinetes costumavam ser acompanhadas de catálogos, geralmente ilustrados, que permitiam acessar e difundir seus conteúdos para os pesquisadores, historiadores e cientistas da época.

Os Gabinetes de Curiosidades, construções privadas, são antecessores dos museus. Esses últimos são destinados em sua grande maioria a exposições públicas. Eventualmente, coleções privadas dos gabinetes passaram a ser incorporadas aos museus, transformando-se também em acervo público. Ao longo do tempo, museus têm sistematicamente utilizado e inserido suas pesquisas em arquivos para catalogação.

Há, no entanto, outro tipo de utilização ou de espaço ocupado pelo arquivo no universo da produção artística. Na história da arte ocidental acompanhamos uma transformação desse lugar do arquivo, particularmente a partir dos anos 1960 e 1970, com a chamada arte conceitual.



De um espaço de sistematização para o estudo da arte, o arquivo passa a ocupar o estatuto de arte em si. Nesse momento, o arquivo corresponde a um modo singular de como as manifestações artísticas são colocadas à prova. O arquivo-obra torna-se um dispositivo que permite o questionamento do mercado, uma atitude na contramão da objetificação da obra e de sua fisicalidade.

Com a chamada desmaterialização da arte, questiona-se o fetiche da obra e passa-se a produzir textos e documentos como cópias Xerox, postais e até manuais de como criar uma obra. Substituindo uma obra-objeto tem-se uma obra-pensamento. Ou uma obra-arquivo. Essa atitude fomenta uma nova postura no universo artístico ocidental e começa a tomar corpo num contexto norte-americano de protesto contra os excessos do capitalismo e do *American Way of Life*, além da própria participação dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã.

Em vez de criar obras que pudessem servir ao mercado e ao capitalismo, uma gama representativa de artistas passa a construir projetos artísticos. A geração dos artistas minimalistas, juntamente com o lema *Less is More* (Menos é Mais), passa a utilizar materiais considerados não nobres, empregados em hidráulica, elétrica e construção civil, e a veicular suas obras em bulas ou manuais que seriam reproduzidos por qualquer pessoa.

DE UM ESPAÇO
DE SISTEMATIZAÇÃO
PARA O ESTUDO DA
ARTE, O ARQUIVO PASSA
A OCUPAR O ESTATUTO
DE ARTE EM SI

Nesse sentido, a obra-arquivo toma corpo como uma continuação do projeto de democratização e desmaterialização da arte, já que tem como mote o abrir-se, o tornar-se pública e consequentemente acessível. Em 1997, enquanto era curadora da Documenta X, em Kassel, a francesa Catherine Davi mostrou essa potência da obra-arquivo evidenciando o caráter de registro na obra de vários artistas fundamentais para a

construção de uma história da arte.

No decorrer da construção da arte contemporânea, o arquivo passa novamente a ocupar um lugar de destaque na produção artística. A crítica de arte passa a incorporar sociologia, filosofia, literatura entre outras áreas de estudo do pensamento e a teoria se costura às obras de tal modo que o discurso passa a estar no foco da criação. Dessa forma, arte e arquivo novamente se articulam na redistribuição de informações, costurando passado e presente por meio de uma escritura historiográfica. ■

KATIA CANTON é escritora, artista, curadora de arte, autora de vários livros, entre eles a coleção *Temas da Arte Contemporânea*, editado pela WMF Martins Fontes. Foi vice-diretora e diretora do Museu de Arte Contemporânea (MAC) e atualmente atua na direção artística do Museu Internacional da Mulher Associação (Mima) em Lisboa, Portugal.

Práticas artísticas e a violência contida nos arquivos

ANA PATO

São muitas as questões que se somam ao tema *Arte e Arquivo*. Afinal, por que continuamos a falar de arquivo? Tal pergunta nos remete a outra feita pelo filósofo Jacques Derrida (1930-2004): “Por que reelaborar hoje um conceito de arquivo?”, proferida em 1994, na conferência intitulada: *O Conceito de Arquivo: Uma Impressão Freudiana*, realizada na abertura do colóquio internacional *Memória: A Questão dos Arquivos*, em Londres. Sobre a pertinência da questão hoje, destacam-se os estudos políticos e culturais sobre a experiência da violência no século 20 e as práticas de memorialização criadas para lidar com o trauma – seja das ditaduras militares na América Latina, do apartheid na África do Sul ou dos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial.

Os estudos sobre a memória traumática impactaram o campo da arquivística, o paradigma do acesso aliado à questão da tecnologia trouxe novas exigências tanto para a prática dos arquivistas quanto para a cadeia de transmissão de conhecimentos. Para pensarmos a relação entre arte, arquivo e violência no campo da arte brasileira atual, há duas instâncias do arquivo que precisam ser separadas: uma é a conceituação dos arquivos como modelos nas artes a partir do início do século 20 e seus desdobramentos na arte moderna e contemporânea.

A arte conceitual nos anos 1960 e início dos 1970 representa o momento em que surgem as estratégias contemporâneas de apropriação e montagem, tributárias às características dos processos alegóricos e da leitura de Walter Benjamin (1892-1940). Tal qual mapeada pela história da arte, essas noções são fundamentais na articulação crítica sobre práticas artísticas em arquivos. A outra é a instituição que assume, no século 19, a organização cronológica dos arquivos e transfere para um único lugar toda a documentação reunida, até então, em igrejas, escolas, hospitais e cartórios. O arquivo situa os documentos apartados de seu tempo como condição para uma leitura linear da história e exerce o papel de instituição central na formação dos Estados modernos e contemporâneos.

Essas duas instâncias se encontram no momento em que compreendemos o arquivo como o paradigma

técnico-científico do projeto progressista de sociedade moderna. Para os artistas, os arquivos vão exercer a função de um laboratório experimental de investigação sobre o lado irracional da sociedade moderna. Lembremos, por exemplo, do movimento dadaísta, que propôs uma série de ações com o objetivo de evidenciar a lógica e os modelos classificatórios como formas de interpretação. O papel do artista no arquivo está em operar um deslocamento de atenção do conteúdo guardado no arquivo, para fazer saltar aos olhos a superfície onde é possível ver a realidade indexada.

Para aproximar o modelo de arquivo na arte do arquivo na instituição, tenho trabalhado com a ideia curatorial de “tornar público”. É disso que trata o programa de ação curatorial que desenvolvo desde 2014 com a articulação de pesquisas artísticas e a formação de grupos de trabalho em torno de arquivos e acervos. O programa articula-se no desejo de repensar as instituições de memória e suas práticas, bem como de mobilizar processos de pesquisa em arte para a criação de espaços de escuta e reflexão sobre a experiência histórica traumática brasileira.

Nos últimos anos, começou a despontar nas artes visuais brasileiras um conjunto de exposições que abordaram temáticas relacionadas a processos de violência na história brasileira como a *AI-5 50 ANOS – Ainda Não Terminou de Acabar* (2018), com curadoria de Paulo Myiada; *Agora somxs todxs negros?* (2017), com curadoria de Daniel Lima; *Do Valongo à Favela: Imaginário e Periferia* (2015), com curadoria de Clarissa Diniz e Rafael Cardoso; *Empresa Colonial: O Presente do Passado* (2016), com curadoria de Tomás Toledo; *A Queda do Céu* (2015), com curadoria de Moacir dos Anjos. Sem falar, é claro, de exposições organizadas no Museu Afro Brasil.

Se considerarmos, como propõe a historiadora Antoniette Burton, que a democratização do acesso aos arquivos se tornou parte da própria retórica da globalização e de suas práticas (de mercado), com a proliferação de demandas para a constituição de arquivos (digitais) sobre diferentes tópicos e grupos – interessados na legitimação de suas histórias –, todavia, pouco se tem discutido sobre a formação dos arquivos e quanto eles são artefatos da própria história.

DE VOCE LEMBROU DE ESQUECER?

Nessa direção, as teorias pós-coloniais mostraram como a compreensão da função dos arquivos e de museus vem sendo modificada no sentido de não serem mais os detentores de uma autoridade única (seja como repositório, seja como visualidade). A prática de selecionar, coletar, classificar e organizar não garante, como se supunha, a capacidade de oferecer uma leitura definitiva do passado. Uma questão que me interessa ressaltar dos estudos pós-coloniais é o que Boaventura de Souza Santos identifica como um “déficit de representação”, inerente aos povos colonizados e que resulta em procedimentos de “autodescrição” de tradições apagadas e de “autodestruição” de representações impostas.

Para Achille Mbembe, a relação paradoxal que se estabelece entre preservar e abandonar os arquivos reside, justamente, na violência constitutiva do Estado, contida nos documentos armazenados nos depósitos legais. Se, por um lado, cabe à instituição preservar seus arquivos, por outro, o arquivo contém em si a própria ameaça a sua existência, pois garante a possibilidade de reconhecimento de uma dívida.

Vistos por esse prisma, a invisibilidade, o abandono e o risco de apagamento de acervos documentais artísticos no Brasil ganham outros contornos. Nesse sentido, minha proposição tem sido discutir como se dá o reconhecimento da experiência histórica traumática na arte brasileira no século 21 a partir da noção de que a arte é capaz de prefigurar a violência contida nos arquivos, ao desafiar sua origem e as formas através das quais estruturam nossa realidade.

A confrontação artística com o reconhecimento das histórias de violência contida nos arquivos e a realidade precária do estado de conservação de nosso patrimônio histórico resulta em práticas de reescrita que se produzem a partir do desejo de completar ausências, de criar

interpretações, de deslocar e interromper a divisão entre um passado que não quer passar e um presente fraturado pela exclusão do outro. Nesse aspecto, a operação artística se desloca da “coleção” para a problematização trazida pelo próprio processo de confrontação com os “dados”.

Há uma vontade nos artistas de compreender como se produz o conhecimento histórico e de assimilar as narrativas historiográficas como material de trabalho, o que acarreta extensos processos de pesquisa que transbordam para outras áreas de investigação. Por trás disso, manifesta-se uma desconfiança nas narrativas produzidas pela história “oficial” e pelos meios de comunicação. Em vista disso, observa-se que essas práticas têm como propósito apresentar outras interpretações possíveis para os acontecimentos. Em vez dos procedimentos de apropriação e manipulação das imagens para esvaziamento de seu significado anterior, dos riscos de perversão do conteúdo e das estratégias de acumulação compreendida como simples reunião de coisas aleatórias, percebe-se que se trata de práticas

de articulação e de reescrita.

A hipótese é que estamos diante de um procedimento historiográfico na arte que atua na articulação e na redistribuição de informações tendo como motivação fazer parte da realidade na qual está inserida. É justamente nessa fronteira entre passado e presente que o procedimento historiográfico da arte ganha forma e manifesta, com agudeza, a força de sua operação. ■

PARA OS ARTISTAS, OS ARQUIVOS VÃO EXERCER A FUNÇÃO DE UM LABORATÓRIO EXPERIMENTAL DE INVESTIGAÇÃO SOBRE O LADO IRRACIONAL DA SOCIEDADE MODERNA

ANA PATO é curadora, pesquisadora e professora.

Doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2017), mestra em Artes Visuais pela Faculdade Santa Marcelina (2011). Foi curadora do 20º Festival de Arte Contemporânea SESC_Videobrasil (2017) e curadora-chefe da 3ª Bienal da Bahia (2014). Em suas pesquisas, dedica-se às relações entre arte contemporânea, arquivo e memória.

Entre sons e sentidos

DIRETOR ARTÍSTICO DA ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO CELEBRA O ENCONTRO DE DUAS PAIXÕES, A LITERATURA E A MÚSICA, NA TEMPORADA DEDICADA A BEETHOVEN

O gaúcho Arthur Nastrovski orquestra duas paixões: a literatura e a música. Ambas semeadas pelo avô materno, Maurício Roseblatt, livreiro e editor de Porto Alegre, que trabalhou com gigantes como Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector. Era na casa dos avós, aos sábados à noite, que Arthur se esticava para ouvir o escritor Érico Veríssimo, editor-chefe da Livraria Editora Globo gaúcha, onde Roseblatt trabalhava. Esse mesmo avô levou Nastrovski, ainda criança, ao primeiro concerto. Desenhava-se ali o mapa que até hoje norteia o músico, compositor, escritor e tradutor. Entre livros e resenhas publicadas, desde 2009 ele atua como diretor artístico da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp). Neste ano, celebra letra e música na temporada dedicada aos 250 anos de nascimento do compositor alemão Ludwig van Beethoven. É de Nastrovski a tradução para o português do poema *Ode à Alegria*, de Friedrich Schiller, cantado na Nona Sinfonia de Beethoven. Trata-se de um projeto mundial chamado *Todos Juntos – Uma Ode Global à Alegria*, capitaneado pelo Carnegie Hall de Nova York, que teve sua estreia com a Osesp, na Sala São Paulo, em dezembro. “O sentido do poema é: liberdade, igualdade e fraternidade. É um período logo depois da Revolução Francesa, da independência americana e das guerras napoleônicas. No Brasil do início do século 19, a questão é a escravidão. Schiller aqui é Castro Alves”, conta.

ARTHUR NESTROVSKI

esteve presente na reunião do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 14 de novembro de 2019

EM FAMÍLIA

Meu avô materno foi quem me levou a um concerto pela primeira vez. Aos seis, fui assistir à *English Chamber Orchestra* em Porto Alegre. Eles tocaram um concerto para flauta de Mozart. Foi aí que passei a importunar meus pais porque eu queria aprender flauta. Alguma coisa destravou em mim e depois de duas semanas me colocaram na escola de música. Depois tive um longo percurso, fiz dois anos de Medicina, meu pai era cirurgião, e no quarto semestre fiz um novo vestibular para Composição e Regência. Um ano e meio depois, ganhei uma bolsa do British Council para estudar na Inglaterra. Também fiz um doutorado nos Estados Unidos em Literatura e Música.

BEETHOVEN EM PORTUGUÊS

Minha primeira reação ao convite para traduzir *Ode à Alegria* foi: “Isso é uma encrenca”. Seria como traduzir *O Navio Negro* (1869), de Castro Alves.

A chave era encontrar um contexto que fizesse sentido para a gente. A questão brasileira contemporânea do poema de Schiller deveria estar associada às primeiras décadas do século 19. O sentido do poema é: liberdade, igualdade e fraternidade. É um período logo depois da Revolução Francesa, da independência americana e das guerras napoleônicas. No Brasil do início do século 19, a questão é a escravidão. Schiller aqui é Castro Alves e nosso poema equivalente é *O Navio Negro*. É Beethoven hoje, no país onde vivemos. Beethoven se tornou um compositor absolutamente urgente ao defender valores humanistas básicos e, no contexto brasileiro, voltado para a questão racial e para a história da escravidão, acredito que essa peça ganha pertinência. Um exemplo: antes de a orquestra tocar a Nona Sinfonia, o coro da Osesp, junto ao coro acadêmico da Osesp e ao coral jovem do Estado, entra em procissão pelos dois corredores da Sala São Paulo. Cerca de 180 vozes entram com um canto de capoeira baiano do fim do século 19 que se chama *Navio Negro*.

FORA DA SALA

Temos uma das melhores salas de concerto do mundo, a Sala São Paulo, e todos nos perguntam como ampliar a plateia. A sala não é elástica, então o jeito foi adotar tecnologias. Temos feito concertos com transmissão digital ao vivo e, nesse caso [*da Nona Sinfonia*], por ser um

trabalho com parceiros em todo o mundo, cada um vai divulgar em seus respectivos canais. Temos a expectativa de ter uma plateia simultânea ao redor do mundo ouvindo essa Nona Sinfonia brasileira. Ela vai estar no nosso canal [*da Osesp*] no YouTube. Outra coisa que nós temos, já faz alguns anos: o selo digital Osesp. Ele é essencialmente voltado para obras brasileiras e disponível no nosso site para *streaming* ou download.

FORMAÇÃO DE PÚBLICO

A Fundação Osesp treina cerca de 1.000 professores da rede pública anualmente. Fazemos um treinamento com os professores antes de levarem o conteúdo à sala de aula. Por ano, recebemos cerca de 30 mil crianças e adolescentes para os concertos didáticos e ensaios abertos. Também temos, duas vezes por ano, uma Leitura Pública com o coro da Osesp: as partituras ficam disponíveis online e cada um estuda em casa para vir cantar com nosso coro. Além disso, desde 2006, temos uma academia de música com 44 alunos. São 20 instrumentistas, 20 cantores do coro acadêmico e quatro regentes. São dois anos intensivos de formação, mas esse não é um conservatório ou faculdade. Já formamos mais de 120 alunos e o índice de empregabilidade é de 100%. Alguns se tornaram músicos da Osesp, outros estão tocando em orquestras pelo Brasil ou fazendo uma pós-graduação no exterior.

A OSESP TEM A
OBRIGAÇÃO DE
APRESENTAR COISAS
POPULARES, MAS
TAMBÉM DE DESAFIAR
E LEVAR AO PÚBLICO
COISAS DIFERENTES

REPERTÓRIO DIVERSIFICADO

Temos que tocar as grandes obras sempre. É importante para os músicos e para a formação de público. Então, nós vamos ter que tocar Beethoven, Schubert, Mozart... Mas isso não basta. Precisamos tocar obras menos conhecidas de grandes compositores, obras de compositores menos conhecidos de vários períodos e também obras de nosso tempo – do século 21. Acho que uma orquestra como a Osesp tem a obrigação de apresentar coisas populares, que todos querem ouvir, mas também de desafiar e levar ao público coisas diferentes. Tenho grande satisfação de já ter encomendado cerca de 80 obras a muitos compositores e vamos continuar fazendo isso regularmente. ■



Assista ao vídeo deste Encontro.

Guardião de memórias

COMO AJUSTAR O FOCO E EXPERIMENTAR TEMPO PARA VIVER E CONTAR UMA HISTÓRIA



Os dias e as noites se dilatam aos olhos de Sebastião Salgado. Para o fotógrafo nascido em Aimorés (MG) – onde as horas também passavam rasteiras para o menino que sonhava viajar o mundo –, é nesta expansão do tempo que se constroem narrativas. Histórias sobre a humanidade e a natureza, como *Trabalhadores* (1993), *Êxodos* (2000), *Gênesis* (2013) e *Gold – Mina de Ouro Serra Pelada*, em exposição no Sesc Guarulhos, feitas em parceria com a curadora e esposa, Lélia Wanick Salgado. “Só faço projetos que sinta grande identificação para conseguir ter uma permanência no tempo”, disse em entrevista à *Revista E*, na véspera da abertura mundial de *Gold*, em julho de 2019, no Sesc Avenida Paulista. Seu mais recente projeto, na Amazônia, também passou por uma espiral de meses e anos, e deve ser apresentado ao público em 2021. Neste *Depoimento*, Salgado fala sobre este e outros trabalhos realizados em mais de quatro décadas dedicadas à fotografia.

SERRA PELADA

Fiz essas fotografias da Serra Pelada e, depois, continuei a série de fotografias *Trabalhadores*, que me tomou seis anos para realizar. Eu passava de uma história para outra, mas sabia que essa [*de Serra Pelada*] era forte. Na época [*em 1986*], tirei um número de fotografias que foi para o livro *Trabalhadores*, mas sabia que não tinha realmente editado em profundidade aquela história. Como não tive tempo, terminei *Trabalhadores* e fui fazer *Êxodos*. Terminei *Êxodos* e fui fazer *Gênesis*. Então, falei: “Antes da minha morte, vou editar com profundidade essas fotografias [*de Serra Pelada*]”. Até que, trabalhando nesse último projeto na Amazônia, em 2016, quebrei o joelho ao saltar um pequeno igarapé. Fiquei parado por seis meses e falei: “Agora eu vou editar”. Tomei as cópias que tinha feito naquela época e revi o trabalho inteiro.

OURO NA ALMA

Temos a impressão de que histórias como essa [*dos garimpeiros em Serra Pelada*] aconteceram há 300 anos. Mas essa história é contemporânea e ainda acontece nos garimpos da Amazônia. Acho importante mostrar às pessoas a realidade deste país. A Serra Pelada é um capítulo importante da história, e foi de grande impacto no Brasil nos anos 1980. Mas, quando você pergunta para jovens de 20 anos, muitos nunca escutaram. Eu tinha perfeita consciência do que era Serra Pelada, mas no primeiro momento em que eu cheguei, vi na beira daquela cratera mais de 50 mil trabalhadores sem nenhuma máquina, só o barulho das ferramentas cavando a terra, o murmúrio das pessoas. Tive a impressão de que escutava o barulho do ouro na alma das pessoas.

RIOS VOADORES

Fiz uma nova apresentação da Amazônia. Temos montanhas fenomenais, mais do que nos Alpes. Também fotografei os rios aéreos. O rio aéreo amazônico é maior que o rio Amazonas. A quantidade de evaporação que aquelas árvores projetam a cada dia forma um sistema de umidade que vai garantir as chuvas e a distribuição de umidade no planeta inteiro. Fotografei isso e as chuvas: elas são tão impactantes que se tem a impressão de que são bombas atômicas de água. Coisas fenomenais. Então, esse corpo de trabalho vai ser do calibre do *Gênesis*. E espero que traga uma união nacional no sentido de proteger esse ecossistema para gerações futuras, para o mundo inteiro.

PASSADO NO PRESENTE

Trabalhar em uma comunidade indígena é voltar no tempo. Somos nós há muito tempo, os primeiros que chegaram à América. Fotografei 12 comunidades, vivi e trabalhei com elas durante esses anos. Levei um grande estúdio para a Amazônia: seis metros de largura por nove metros de comprimento, que eu montava debaixo de uma árvore. Depois de um acampamento de caça ou de pesca, montava o estúdio e quem quisesse ser fotografado vinha. Então, tenho uma coleção de retratos incríveis. É um conjunto de tudo isso que estou mostrando, uma Amazônia brasileira. Fiz 30 viagens para lá ou talvez mais. É maravilhoso viver com a comunidade indígena. Você vive outra vida.

POR UMA PENTAX

Quando comprei a primeira câmera, na realidade, comprei para Lélia. Ela estava fazendo arquitetura na Escola de Belas Artes de Paris e precisou de uma câmera. Nós estávamos de férias – isso foi em julho de 1970 – na fronteira da França com a Suíça. Fomos até a Suíça, que era o local onde se compravam câmeras mais em conta na época. Compramos uma Assai Pentax e a primeira fotografia que fiz foi um retrato da Lélia sentada na janela. Lembro perfeitamente esse momento e os momentos depois com essa câmera lá, ainda de férias. Porque eu tinha a possibilidade de fixar em imagem tudo aquilo que via. Para mim, aquilo era uma mágica.

A FOTOGRAFIA
É UM ESPELHO
DA SOCIEDADE
EM QUE VIVEMOS

IMAGEM EM MOVIMENTO

A fotografia não mudou nada nesses últimos anos, exceto a base da fixação da imagem. Nós passamos de uma imagem fixada em um suporte de plástico para um suporte eletrônico: a fotografia digital. Mas a forma de fotografar, o resultado, a imagem, isso não mudou. O fato de as pessoas utilizarem um celular e fazerem imagens, isso não é fotografia. Isso não tem nada, absolutamente nada, a ver com a fotografia. Isso é uma linguagem de comunicação. As pessoas se comunicam por meio dessas imagens que fazem e enviam para outros. Fotografia é uma coisa tangível. Você vê, pega a fotografia, ela tem uma função de memória. A fotografia é um espelho da sociedade em que vivemos. Aqui não tem manipulação: ela é o que é. ■



Assista ao vídeo
conexão
com o fotógrafo Sebastião
Salgado e a curadora
Lélia Wanick Salgado

Penca de espantos

MORADA

Alva casa no alto da montanha!
A tua paz de refúgio ancoradouro
põe tantas tréguas neste olhar errante
que mesmo de tão longe
(alvissareira)
me tornas teu precoce habitante.

Em ti possuo mesa, assento, cama
pouso perene, aconchego,
fundamento.
Tens escada e o homem que me afaga,
porão, sótão, raiz – copa de árvores.

És tu a colcha dos retalhos que cerzi
a preparar-me (na terra) o agasalho
– e (já depois) o berço

feito a ti.

SOLIDÃO

Íngreme paragem
incrustada no coração da noite.
Olhos pardos
buscando a lua
(que não alcança
e que canta nos fios elétricos) –

nota sentada em solidez de pedra
(integral, instantânea),
vertigem da mais pura ressonância –

maledicência desta hora
amarela.

CONSTATAÇÃO

Ah, como é triste
meu amor
deixar-te
e deitar sozinha por cima desta
solidão.

Fico a combater em mim
os teus desejos soltos
pelas ruas
por onde segues.

EIXO

A mulher e o homem são
como o céu espelhando a terra,
e juntos
(condensados no horizonte)
deixam que os relâmpagos e cometas
sulquem suas telas.

Um é para o outro
o que o pássaro é para o voo
– o vento para o deserto
o preço para a moeda
a água para o monjolo.

Que somos apenas redemoinhos
pois que
girando em torno de um centro oco

– assim nos elevamos.

FUNÇÃO

Antes retirar deste momento
o que ele não mostra
mas retém,
que cantar um pedaço da paisagem
(que se avista)
com seu tanto de árvores e de céu.

Exposta fica a tarde na tela sempre
igual
(farol imperioso o do sol!)
encaixilhada
(à esquerda)
por ciprestes,
premiada (ao fundo) por edifícios.

Ofício difícil o seu:
o de suster-se sozinha
(por entre orifícios e interditos)
– muda testemunha
da esquecida mecânica sideral.

MIGALHAS

Tudo o que me habita
veio de ti –
das tuas veias inquietas
que borbulham à tona do corpo
do teu sorriso que dá forças
da tua voz entrincheirada
que nada revela.

Estou só
(agora)
e ando revivescendo em mim
o que me ficou de ti:
tua maciez
teu desespero
teu abandono

com os cabelos despencando em cima.

MORTE

A pedra pesa
e me remete para aquela
que arde
no centro da terra –
grave, cava – imantada.

O fruto cai,
eu mesma caio.
Planeta é este o nosso
onde tudo se orienta
pra dentro
pra baixo

para a pátria astral.

PERGUNTA

O que da tristeza retenho?

Em cinza encontro
a imagem concêntrica que o sol
reservou sobre estendidas águas.

Que é dos meus pastos dourados
do linho com que o choupo me
guarnecia?

Oh lua generosa e antiga!
Vem esgueirar os esconderijos
e desvelar-me
em que espinheiro
ainda se tece o ninho!

ENCONTRO

Debaixo do signo com que
mudas o mundo,
estou (pasma)
no aguardo de que
tuas mãos
comecem milagres.

Deponho-me aqui
(na tua direção)
evoco os ruídos
e os gestos díspares do encontro.

Ah, essa simetria que rompe
[movimentos,
meu suor, minha solitária luta,
meu grito.

Ah, grande é o silêncio
ao qual pertencemos
sem ardis, sem simulação.
Ah, esperado abandono
onde perco teus gestos
e invento os que querem ser meus!

DIURNO

As palavras construídas
derrubam
a nitidez das manhãs:
os passos e os gestos
ganham destruição.

Veiculadas como partes aflitas
constroem a dissolução
ornamentam-se de falsas faces
e
escorregadias
nos dão (enfim) à boca

o gosto amargo com que se acorda
do sono.

SUBTRAÇÃO

Meu canto hoje se franziu
e fez-se espasmo de horas pobres.
Partiu sobressaltado
(corrido)
escapando das mãos.

Cumpro em mim a missão de saber:

ouço,
comovo-me
e escrevo aqui rapidamente
apenas o que consigo reter.

INEXORÁVEL

Os relógios da noite embalam
os pássaros ensonados
para os voos matinais
– em demanda de outro tempo.
Os grilos pedintes
saltitam (mas não evitam)
os momentos difíceis.
Malgrado as asas,
morcegos ainda se tornam
antigos camundongos –
com carinho
com ternura nas unhas.

Tudo se rejubila
com o ânimo reinante
mas as horas correm para o seu fim
impertinentes –
com a mesma avidez.

Num átimo a chuva cai:
é um instante.
E só por fora explica
o eterno fluir do mundo. ■

MARIA LÚCIA DAL FARRA é
poetisa e autora das obras *Livro
de Auras* (1994), *Livro de Possuídos*
(2002), *Alumbramentos* (2012), que
ganhou o Prêmio Jabuti 2012 na
categoria Poesia, além de *Terceiro
para o Fim dos Tempos* (2017). Como
ficcionalista, publicou *Inquilina do Intervalo*
(2005). Todos esses publicados pela
Editora Iluminuras. Dal Farra também
lançou obras sobre a poetisa portuguesa
Florbela Espanca (1894-1930).

EM CARTAZ

GUIA DE PROGRAMAÇÃO
DO SESC EM SÃO PAULO

JANEIRO 2020



Matheus José Maria

Em janeiro, as unidades do Sesc se preparam para receber os mais diversos públicos em período de férias e também aqueles que estão em busca de atividades para curtir o verão!

No Consolação, Guarulhos e Vila Mariana, o especial **Férias nos Centros de Música** promove uma série de práticas coletivas, cursos e vivências que apresentam ritmos e instrumentos aos participantes de todas as idades e com diferentes níveis de experiência musical.

Para descobrir a própria cidade com um novo olhar, o projeto **Oba! Férias!** convida as crianças para conhecer novos e antigos lugares em roteiros de passeios repletos de lazer, história e muito contato com a natureza!

No Cinesesc, uma coleção de filmes que marcaram a infância de crianças e adultos na década de 1990 serão exibidos em tela grande na divertida temporada do projeto **Férias do Barulho – um Mergulho em Aventuras dos Anos 1990**.

Por fim, em todas as unidades do estado, o clima olímpico chega mais cedo! No **Sesc Verão 2020** o público terá a oportunidade de experimentar algumas das modalidades presentes nos Jogos de Verão que serão realizados em Tóquio, no Japão.

Ufa! Boa leitura!

25 DE JANEIRO.
CONSULTE O HORÁRIO
DE FUNCIONAMENTO.
SECS.PORG.BR/
FÉRIADOS



acessível



cão guia

Em estabelecimentos de uso coletivo é assegurado o acompanhamento de cão-guia. As unidades do Sesc estão preparadas para receber todos os públicos.

LEGENDA ACESSIBILIDADE



braille



legenda
closed
caption



áudio
descrição



legenda
open
caption



legendas



deficiência
intelectual, espectro
autista e demais
neurodiversidades



libras



recursos
fáteis

ÍNDICE

ONLINE	58	PARQUE DOM PEDRO II	85
24 DE MAIO	60	PINHEIROS	86
AVENIDA PAULISTA	62	POMPEIA	88
BELENZINHO	64	SANTANA	90
BOM RETIRO	66	SANTO AMARO	91
CAMPO LIMPO	68	SANTO ANDRÉ	93
CARMO	70	SÃO CAETANO	94
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO	71	SESC TV	96
CINESESC	72	VILA MARIANA	97
CONSOLAÇÃO	74	TURISMO	99
FLORÊNCIO DE ABREU	76	SESC VERÃO	102
GUARULHOS	77	INTERIOR e LITORAL	109
INTERLAGOS	79	INFORMAÇÕES	110
IPIRANGA	80	CREDENCIAIS	111
ITAQUERA	82	INGRESSO	112
OSASCO	83		

PROGRAMAÇÃO
SUJEITA A ALTERAÇÕES

ESPETÁCULOS GRAFADOS EM AZUL
TÊM INGRESSOS À VENDA NAS BILHETERIAS
DAS UNIDADES E NO PORTAL SECS.P.

O CANTO AFRO DE SAPOPEMBA

sescsp.org.br/sapopemba

Os caminhos da vida levaram a trajetória musical de Sapopemba a cruzar caminhos com o Selo Sesc. Desse encontro resultou um novo disco, Gbó, lançado em dezembro. Descubra histórias contadas pelo ex-caminhoneiro que levou cantos e contos da cultura afro-brasileira para além dos limites nacionais.



TÔ NO SESC

sescsp.org.br/tonosesc

Nas unidades do Sesc espalhadas pelo estado, gente de todo canto se reúne e se diverte, aprende, estranha e curte as mais variadas atividades. É assim que, de repente, a partir de um curso, de um café compartilhado ou de um espetáculo jamais imaginado surgem novas ideias, descobertas, paixões de vida e viradas radicais! A série #ToNoSesc chegou para contar algumas dessas histórias inspiradoras que ouvimos todos os dias!

SESC VERÃO

sescsp.org.br/sescverao

O Sesc quer que seu encontro com o esporte não seja só mais um crush passageiro! Pra dar um empurrãozinho, nos meses de janeiro e fevereiro as unidades se transformam em polos dos esportes olímpicos e paralímpicos, com atividades que prometem despertar as mais diversas histórias de amor! Acompanhe a programação na web em conteúdos inéditos.



RETROSPECTIVA 2019 / PREVISÕES 2020

sescsp.org.br/2019-2020

Desde "Vozes do Brasil", lançado na última Flip, até a "Coleção Bibliofilia", fruto de uma parceria que vem por aí, relembre os eventos que marcaram o ano que passou e veja o que as Edições Sesc São Paulo estão preparando para o ciclo que acaba de começar.





Foto: Alexandre Nunes

Curumim

Inscrições em janeiro

Programa educativo para crianças de 07 a 12 anos.

Atividades artísticas, corporais e ambientais com foco no desenvolvimento integral por meio de jogos e brincadeiras, oficinas, passeios, vivências e muito mais.

Mais informações nas unidades ou em:
sescsp.org.br/curumim



COMO COMPRAR INGRESSOS PARA AS ATIVIDADES DO SESC?

Para os espetáculos que ocorrem nas unidades* do Sesc no Interior, consulte as informações sobre a venda de ingressos na descrição do espetáculo de interesse, no Portal Sesc SP.

Para os espetáculos que ocorrem nas unidades* da capital, Grande São Paulo e litoral, os ingressos ficam disponíveis para venda semanalmente, sempre em dois lotes:

No Portal Sesc SP: às terças-feiras, a partir das 12h, em diferentes horários.

Presencial: às quartas-feiras**, a partir das 17h30, nas bilheterias das unidades do Sesc.

Serão disponibilizados os ingressos para atividades que acontecem na semana seguinte, compreendida entre segunda-feira e domingo. Para temporadas de espetáculos, serão consideradas as datas de estreia para início das vendas de toda a temporada.

* Apenas uma porcentagem dos ingressos será destinada à venda online.
** Em caso de feriado, as vendas terão início no dia útil posterior.

Consulte a limitação de venda de ingressos por pessoa/CPF na descrição do espetáculo de interesse, no **Portal Sesc SP**.

operadora ou banco emissor e da data de fechamento/vencimento da fatura do cartão de crédito. Não haverá devolução em dinheiro.

O ingresso comprado nas bilheterias das unidades do Sesc SP não será devolvido ou trocado para outro horário, dia ou espetáculo.

CANCELAMENTO DO ESPETÁCULO PELO SESC SÃO PAULO

Em caso de cancelamento do espetáculo por parte do Sesc São Paulo, os valores dos ingressos adquiridos, tanto no **Portal Sesc SP** quanto nas bilheterias das unidades, serão devolvidos integralmente.

O valor do ingresso online, não retirado nas bilheterias, será estornado no cartão de crédito utilizado na compra. A solicitação desse estorno será feita automaticamente pelo Sesc às operadoras de cartão de crédito/banco emissor. O crédito do valor estornado poderá ocorrer na fatura seguinte ou subsequente, pois dependerá dos procedimentos de cada operadora ou banco emissor e da data de fechamento/vencimento da fatura do cartão de crédito.

O valor dos ingressos comprados nas bilheterias e dos ingressos comprados online e já retirados serão devolvidos em dinheiro. Para tanto, apresente o ingresso em até 30 dias, a contar da data de divulgação do cancelamento do espetáculo, em qualquer bilheteria das unidades do Sesc SP.

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

Consulte sempre a classificação indicativa das atividades em seu descritivo no **Portal Sesc SP**. Nas apresentações proibidas para menores de 18 anos, não será permitida a entrada de menores de 18 anos, mesmo que acompanhado de pais ou responsáveis.

IMPORTANTE

- O Sesc não opera com reserva de ingressos.
- Excepcionalmente, a venda e distribuição de ingressos para determinados espetáculos poderá iniciar em dias e horários diferentes do estabelecido. Nesses casos, estas informações estarão sempre antecipadas na área de programação dos espetáculos.
- Não é permitida a entrada após o início do espetáculo, não havendo devolução do valor pago ou troca para outro dia, horário ou espetáculo.
- Fotos, filmagens ou gravações serão permitidas somente com autorização prévia.
- Lembre-se de desligar aparelhos sonoros, tais como telefones celulares, tablets e outros.
- Cuide bem do seu ingresso. Em caso de perda ou dano não haverá reimpressão. Em caso de roubo, será necessário apresentar Boletim de Ocorrência em que constem as informações sobre o ingresso.
- Pessoas com deficiência, idosos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, gestantes, lactantes, pessoas com crianças de colo e pessoas com necessidades especiais terão atendimento prioritário para compra presencial de ingressos, respeitando a limitação de venda de cada espetáculo.
- É permitida a entrada de cães-guia.

FORMAS DE PAGAMENTO

VENDAS ONLINE

- **Loja Sesc:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto bancário (à vista).
- **Ingressos:** cartão crédito (à vista).
- **Seminários e Congressos:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto bancário (à vista).
- **Cursos de Longa Duração:** Centro de Pesquisa e Formação: cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 10x sem juros*) ou boleto bancário em até 10 parcelas***
- **Reservas Bertogga:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto bancário em até 4 parcelas**.

PONTOS DE VENDA PRESENCIAL

- **Alimentação:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Refeição.
- **Estacionamento:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista).
- **Ingressos:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Cultura.
- **Ingresso Um Dia no Sesc Bertogga:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista).
- **Loja Sesc:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e parcelado em até 8x sem juros*). Para livros, revistas, cd's e dvd's: Voucher Cultura.
- **Reservas Bertogga:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e parcelado em até 8x sem juros*). Consulte informações referentes à nota promissória**.
- **Serviços Odontológicos:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 12x sem juros*). Consulte informações referentes à nota promissória***.
- **Seminários:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Cultura.
- **Turismo Social (excursões):** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e parcelado em até 8x sem juros*) ou boleto (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*).
- **Turismo Social (passeios):** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros*).

BANDEIRAS DE CARTÕES DÉBITO E CRÉDITO - PONTOS DE VENDAS PRESENCIAL: Mastercard, Visa, Hipercard, Elo Crédito, Elo Débito, Maestro, Visa Electron, Aura e Cabal.

BANDEIRAS VOUCHERS REFEIÇÃO E CULTURA - PONTOS DE VENDAS PRESENCIAL: Alelo, Sodexo, VR, Ticket.

BANDEIRAS VENDAS ONLINE: Mastercard, Visa, Elo Crédito e Hipercard.

DÚVIDAS
sescsp.org.br

O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE A VENDA ONLINE DOS INGRESSOS?

Para comprar ingressos no **Portal Sesc SP** é necessário cadastrar-se no "Meu Perfil".

Após o preenchimento do formulário de cadastro, será enviada uma mensagem com o link de confirmação para ativar o cadastro. Caso não a receba na caixa de entrada do seu e-mail, verifique na caixa de spam, quarentena, promoções, lixo eletrônico ou lixeira.

A compra de ingressos no **Portal Sesc SP** permanecerá disponível até duas horas antes do início do espetáculo. Depois disso, os ingressos disponíveis poderão ser adquiridos pessoalmente nas bilheterias das unidades.

Ao comprar ingressos, o CPF do responsável pela compra estará vinculado à transação, restringindo a venda para os espetáculos em que há limitação de ingressos por pessoa.

Os lugares numerados para a venda online são distribuídos de forma aleatória, considerando sempre a oferta equilibrada entre os lugares mais próximos e afastados do palco.

Não há distribuição online de ingressos gratuitos. Os espetáculos infantis com gratuidade para crianças até 12 anos, ou aqueles que parcialmente oferecem ingressos gratuitos para categorias especiais, não estarão disponíveis para venda online.

Importante: leia atentamente a política de venda de ingressos.

QUAIS SÃO AS CATEGORIAS DE INGRESSOS DO SESC?

As categorias atendidas com desconto* são: trabalhador do comércio, serviços e turismo credenciado no Sesc e dependentes | estudante | ID Jovem | servidor da escola pública | aposentado | pessoa com 60 anos ou mais | pessoa com deficiência e o seu acompanhante.

É imprescindível a apresentação do documento que comprove o direito ao desconto na entrada da atividade.

Caso o documento comprobatório não possua foto, será necessário apresentar também um documento oficial com foto.

Os ingressos comprados na categoria incorreta não terão devolução da diferença de valor.

Caso não seja comprovado o direito ao desconto, será necessário complementar o valor do ingresso.

*Comprovantes aceitos para ingressos com desconto: credencial plena do Sesc válida | carteirinha de estudante, carteirinha escolar do ano ou semestre vigente, comprovante de matrícula ou de pagamento de mensalidade | comprovante ID Jovem | carteira funcional ou holerite para servidor de escola pública | comprovante de aposentadoria | documento de identidade para pessoas com mais de 60 anos.

COMO RETIRAR O INGRESSO COMPRADO ONLINE?

O ingresso poderá ser retirado na bilheteria de qualquer unidade do Sesc SP, mediante a apresentação do RG e o número do pedido.

Somente o titular da compra ou a pessoa indicada por ele poderá retirar o ingresso.

O titular da compra poderá indicar outra pessoa para retirar o ingresso no ato da compra, ou no cadastro "Meu Perfil >> Ingressos".

Recomendamos que a retirada do ingresso aconteça até um dia antes da realização da atividade.

Caso opte por retirá-los na unidade em que acontecerá a atividade, para sua comodidade, retire-os com até 30 minutos de antecedência. Lembramos que não é permitida a entrada após o início do espetáculo.

A retirada do ingresso online pelo responsável ou pessoa indicada confirma o interesse pela compra, impossibilitando a devolução ou troca para outro horário, dia ou espetáculo.

COMO É CANCELADO O INGRESSO ONLINE?

De acordo com o artigo 49 do Código de Defesa do Consumidor, você poderá se arrepender da compra do ingresso online e solicitar a devolução do valor:

- Para ingressos online comprados com antecedência, a solicitação de devolução deverá ocorrer em até 7 (sete) dias após a data da compra, desde que o espetáculo não tenha ocorrido. Exemplo: Ingresso comprado no dia 20/01 para espetáculo do dia 31/01: a devolução será até o dia 27/01, ou seja, até 7 dias após a compra.
- Para ingressos online comprados com menos de 7 (sete) dias da data do espetáculo, a solicitação da devolução deverá ocorrer em até 48h antes do espetáculo. Exemplo: Ingresso comprado no dia 20/01 para espetáculo do dia 26/01: a devolução será até o dia 24/01, ou seja, 48 horas antes.
- Para o ingresso online comprado no dia ou 48 horas antes do espetáculo, não haverá devolução. A solicitação de devolução do ingresso online somente será possível no prazo estabelecido e se o ingresso não tiver sido retirado. O titular da compra poderá fazer a devolução no **Portal Sesc SP**, acessando "Meu Perfil >> Ingressos".

O valor do ingresso devolvido será estornado no cartão de crédito utilizado no ato da compra e poderá ocorrer na fatura seguinte ou subsequente, pois dependerá dos procedimentos de cada

* Para o parcelamento é necessário o valor mínimo de R\$ 30.

** Boletos bancários garantidos por Nota Promissória - 4 x (à vista e 3 parcelas pagas até a prestação do serviço). Recebimento de boletos bancários nas unidades do Sesc: somente dinheiro ou cartão de débito.

*** Boletos bancários garantidos por Nota Promissória em até 12 x (à vista e 11 parcelas). Recebimento de boletos bancários nas unidades do Sesc: somente dinheiro ou cartão de débito.



Central de Relacionamento | Sesc Avenida Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 12 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CRENCIAL PLENA

- **titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 12 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.



- **dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.

A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CRENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.

***A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$20 para a emissão da segunda via.**

LEGENDA DOS PREÇOS

- Trabalhador do comércio, serviços e turismo credenciado no Sesc e dependentes (Credencial Plena).
- Aposentado, pessoa com mais de 60 anos, pessoa com deficiência e seu acompanhante, estudante e servidor da escola pública com comprovante.
- ▲ Credencial Atividades.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman.
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterti Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Alisson Sbrana, Ana Carla Ribeiro, Carlos Daniel, Carolina Paes de Andrade, Danny Abensur, Diego Oliveira, Diego Lemos, Edmar Junior, Estêvão Denis, Fernanda Porta Nova, Geraldo Ramos Junior, Glauce Passeri, Gustavo Nogueira de Paula, Heloisa W. Prando, Ioná Damiana de Souza, José Gonçalves Junior, Josefa Santana, Juliana Cassador Oshiro, Laís Ananias, Lidiane de Jesus, Luciane Gouvêa, Lúcio Erico Soares Cunha, Mariana Prado, Mariana Q. Fernandes, Nadya Librelon, Odaír Freire dos Santos, Poliana Queiroz, Priscila Machado Nunes, Ricardo Ribeiro, Sarah Degelo, Sonoe Juliana O. Fonseca, Thais Fero e Thaise Amorim.

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

Diretor Responsável: Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz

• **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo

• **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo

• **Edição do Em Cartaz:** Paula Wulf, Alex Olobardi e Rebeca Fornazzari

• **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo

• **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho

• **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira

• **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim

• **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro

• **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):**

Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior

• **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães

• **Finalização:** Cesar Albornoz e Werner Schulz

• **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay e Priscila Ravanelli Andreani

• **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:
sescsp.org.br

O Sesc São Paulo consciente da sua responsabilidade ambiental e social, utiliza papéis com certificado FSC® (Forest Stewardship Council®) para impressão desta revista. A Certificação FSC® garante que uma matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e de outras fontes controladas para impressão dessa revista. Impresso na Log & Print Gráfica e Logística S/A. Certificada na Cadeia de Custódia - FSC®

TEATRO

BELENZINHO

- **Pele Negra, Máscaras Brancas.** 24/1 a 2/2.

CARMO

- **Rosa Cuchillo: El Desmontaje.** 23 e 24/1.
- **Evocando os Mortos - Poéticas da Experiência.** 31/1.
- **Ledores no Breu - Experiência de Desmontagem.** 6 e 7/2.

IPIRANGA

- **Floresta.** 16/1 a 9/2.

PINHEIROS

- **Minhas Queridas.** 9/1 a 8/2.

POMPEIA

- **Preto peritamar – O Caminho que Vai Dar Aqui.** 9 a 19/1.
- **Fóssil.** 9/1 a 2/2.

SANTO AMARO

- **Rapte-me Agora - Deve Haver Vida Inteligente em Outra Parada de Ônibus.** 17/1 a 16/2.

SANTO ANDRÉ

- **Neste Mundo Louco, Nesta Noite Brilhante.** 11 a 26/1.

MÚSICA

24 DE MAIO

- **Otto.** 8 e 9/1.
- **Tavinho Moura.** 10/1.
- **Chico César.** 11 e 12/1.
- **Roberto Mendes.** Participações: **Ceumar e Guinga.** 15 e 16/1.
- **André Frateschi & Banda Heroes.** 17/1.
- **Tirando de Letra Apresenta a Obra de Dominginhos.** 18 e 19/1.
- **Baluarto do Samba.** 22/1.
- **Sapopemba. Participação: Bongar, Benjamin Taubkin e Patricia Bastos.** 23 e 24/1.
- **Karina Buhr. Participação: Max B.O.** 25 e 26/1.
- **Vanguart.** 30 e 31/1.

AVENIDA PAULISTA

- **Teco Cardoso, BB Kramer e Swami Jr.** 17/1.
- **Coruja BC1.** 23/1.
- **Oswaldinho da Cuica.** 25 e 26/1.

BELENZINHO

- **Zé Geraldo.** 3 a 5/1.
- **Cordel do Fogo Encantado.** 3 e 4/1.
- **Gerson Conrad.** 10/1.
- **Pavilhão 9.** 10/1.
- **Flagelador.** 11/1.
- **André Christovam.** 11/1.
- **Projeto Unknown.** 12/1.
- **Jozef Von Wissem (HOL).** 17/1.
- **Roda de Samba Terreirão.** 17/1.
- **Livia Nery.** 18/1.
- **Jonnata Doll e os Gartos Solventes.** 18/1.

- **Banda Surr. Participação: Fernandinho Beatbox.** 19/1.
- **Consuelo de Paula.** 24/1.
- **Alma Djem. Participação: Edu Ribeiro.** 24/1.
- **Oswaldinho Viana e Marisa Viana.** 25/1.
- **Romulo Fróes Canta "Transa".** 26/1.
- **Yannick Hara. Participação: Sara Não Tem Nome, Clemente e Rodrigo Lima.** 31/1.
- **Casch.** 31/1.
- **Dexter.** 1/2.
- **Marcos Valle.** 1 e 2/2.

BOM RETIRO

- **Jaloo.** 3/1.
- **Rita Benneditto.** 4/1.
- **Odair José.** 5/1.
- **Tássia Reis.** 10/1.
- **Zé Renato.** 11 e 12/1.
- **Alessandra Leão.** 17/1.
- **Antônio Nóbrega.** 18 e 19/1.
- **Banda Mantiqueira.** 24 e 25/1.
- **Eliana Pitmann, Claudette Soares e Doris Monteiro.** 26/1.
- **Xande de Pílares.** 30/1.
- **Castello Branco.** 31/1 e 1/2.

GUARULHOS

- **Drik Barbosa.** 11/1.
- **Nicole Salmi.** 15/1.
- **Expresso Pitangueira e Carlos Dafé.** 17/1.
- **MPB4 "Você Corta Um Verso, Eu Escrevo Outro".** 18/1.
- **Chico Bernardes.** 25/1.
- **Ekena.** 29/1.

IPIRANGA

- **Boca Livre.** 3 a 5/1.
- **Miranda Kassim.** 10/1.
- **Clima.** 11/1.
- **Quebrada Queer.** 12/1.
- **Thiago El Niño.** 24 a 26/1.

OSASCO

- **Grupo Manuí. Participação: Folia de Reis São Lucas.** 5/1.
- **Grupo Matéria Rima.** 12/1.
- **Anai Rosa.** 17/1.

PINHEIROS

- **Bacurau Show - Karina Buhr, Lirinha, Ava Rocha, Fernando Catatau, Lia de Itamaracá, Rodger Rogério e Junior Black.** 10 e 11/1.
- **Toninho Horta e Orquestra Fantasma.** 12/1.
- **A Música de Tom Jobim - Joyce Moreno, Raul de Souza e Proveta.** 17/1.
- **Bixiga 70 e Luiza Lian.** 18/1.
- **Renato Borghetti.** 19/1.
- **Louise Woolley. Participação: Livia Netrovski.** 22/1.
- **Xenia França.** 24/1.
- **Premê. Participação: Eduardo Dussek.** 25/1.
- **Sá & Guarabyra.** 26/1.
- **Cine-concerto: Koyaanisqatsi com Cercueil (FRA).** 29/1.
- **Virgínia Rodrigues. Participação: Lenna Bahule.** 31/1.

- **Siba. Participação: Fuloresta.** 1/2.
- **Nas Telas do Jazz – Cinema Europeu.** 2/2.

POMPEIA

- **Rael.** 3 e 4/1.
- **Papisa. Participação: Yma.** 9/1.
- **Ana Cañas.** 10 e 11/1.
- **(Sandy) Alex G.** 16 e 17/1.
- **Exótica (EUA) + Inocentes.** 18/1.
- **Bike + Glue Trip.** 23/1.
- **Grupo Rumo.** 23 e 24/1.
- **Karnak.** 24 e 25/1.
- **Quarteto em Cy.** 25 e 26/1.
- **Luzia Dvorek.** 30/1.
- **Rita Benneditto.** 30 e 31/1.
- **"Acorda Amor" com Maria Gadu, Liniker, Luedji Luna, Xênia França e Letrux.** 31/1 a 2/2.
- **Hamilton De Holanda.** 1/2.

SANTO ANDRÉ

- **Geraldo Azevedo.** 3 e 4/1.
- **Roland Grapow.** 31/1 e 1/2.

VILA MARIANA

- **Marcelo Jeneci.** 3 a 5/1.
- **Lucas Santtana.** 17/1.
- **Paulinho Moska.** 25 e 26/1.
- **Flora Purim e Airto Moreira.** 31/1.

CIRCO

AVENIDA PAULISTA

- **Ordinários.** 11 e 12/1.

CONSOLAÇÃO

- **Bloom – Caminhos e Encontros.** 18/1 a 2/2.
- **Pia Mater.** 27/1 a 18/2.

GUARULHOS

- **Cabaré Volant.** 19/1.
- **VaiqueeuVoo.** 24/1.

SANTANA

- **Rústico.** 11 a 19/1.

VILA MARIANA

- **Sentido Proibido.** 18 e 19/1.

DANÇA

24 DE MAIO

- **Subterrâneo.** 29/1.

GUARULHOS

- **Tupiliques.** 12/1.
- **Um Olhar Muda Tudo.** 12/1.

IPIRANGA

- **Vi Vemos (SP/BA) x Apoena (AM) x Titiksha (RJ/GO).** 31/1.
- **Vi Vemos (SP/BA) x Atelie (SP) x Incorpore - Relembrar, Esquecer, Refazer (RJ).** 1/2.
- **Efêmero (SP) x O Namorado de Mme. Larde (BA) x Canto Piu (MEX/BA).** 2/2.

OSASCO

- **Anonimato.** 25/1.

LITERATURA

AVENIDA PAULISTA

- **Júlia de Carvalho Hansen e A Terra Nunca Me Pareceu Tão Distante.** 24/1.

CINEMA E VÍDEO

CINESESC

- **Dois Papas.** A partir de 2/1.
- **O Irlandês.** A partir de 2/1.
- **Atlântique.** A partir de 2/1.
- **Henrique IV.** 23/1.
- **Fogo e Paixão.** 27/1.
- **Maria Luiza.** 28/1.
- **Alice Júnior.** 29/1.
- **Fabiana.** 30/1.

CRIANÇAS

AVENIDA PAULISTA

- **Luna Parke.** 11 e 12/1.
- **Classificados.** 18 e 19/1.
- **Reprise.** 25 e 26/1.
- **À La Carte.** 1 e 2/2.

BELENZINHO

- **Monstruário.** 4 a 26/1.
- **Enxame.** 11 a 26/1.

BOM RETIRO

- **Chapeuzinho Vermelho.** 5 e 12/1.
- **Cinderela Lá Lá Lá.** 19 e 26/1.
- **Rapunzel.** 2 e 9/2.

CONSOLAÇÃO

- **"O Menino e o Mundo" com Trilha Sonora ao Vivo.** 25/1.

IPIRANGA

- **Isso É Coisa de Criança.** 5 a 26/1.
- **Depois da Chuva.** 2/2.

OSASCO

- **Poema Canção.** 19/1.
- **Menino Teresa.** 26/1.
- **Salve, Malala!** 2/2.

PINHEIROS

- **Bertoldo, o Tubarão que Queria Ser Gente, Uma Experiência Brechtiana.** 12/1 a 16/2.

POMPEIA

- **¿Branca de Neve?** 11/1 a 1/2.

SANTANA

- **Quando Eu Morrer, Vou Contar Tudo a Deus.** 12/1 a 16/2.
- **Beatles para Crianças.** 25 e 26/1.

SANTO ANDRÉ

- **Princesa Falalinda, Sem Papas na Língua.** 5 a 26/1.

SÃO CAETANO

- **A Volta ao Mundo com Cris Miguel: Tigik Pigik.** 4/1.
- **A Peleja do Conta Gotas.** 11 e 18/1.
- **Se Chove, Não Molha!** 25/1.

VILA MARIANA

- **Barbatuques.** 10 a 12/1.
- **Beto Mejia. Participação: Mundo Aflora e André Gonzales.** 19/1.
- **Banda Estralo.** 26/1 e 2/2.



◀ *Fonte Monumental*, na praça Júlio Mesquita

Nicolina Vaz de Assis

Na cena artística brasileira do início do século 20, Nicolina Vaz de Assis está entre as poucas mulheres reconhecidas profissionalmente. A escultora nascida em Campinas (SP), no ano de 1874, começa lá sua carreira, reconhecida pelo busto de Campos Salles – nascido em Campinas e eleito presidente da República em 1898. Essa foi uma de outras tantas obras que renderam à artista a possibilidade de estudar com mestres dentro e fora do país.

Em 1897, Nicolina recebe uma bolsa do Pensionato Artístico do Estado de São Paulo para estudar no Rio de Janeiro, onde se torna pupila de Rodolfo Bernadelli. Por lá, esculpe bustos de presidentes de estados, políticos e outros personagens ilustres para o Museu da República.

Tendo como matéria-prima o bronze e o mármore, a artista também se destaca na arte tumular – termo usado para obras feitas em cemitérios. Um exemplo dessa linha de trabalho é *O Selvagem*, de 1898, escultura feita para o túmulo de José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898), último presidente da província de São Paulo.

PIONEIRA

Considerada a primeira escultora da cidade, suas obras podem ser vistas em praças e cemitérios como o da Consolação. Em 1904, novamente ganha uma bolsa de estudos. Dessa vez, para Paris, onde permanece até 1907 e conhece o escultor português Rodolfo Pinto do Couto, com quem se casa após viuvez do primeiro marido.

É de Nicolina a obra *Fonte Monumental*, esculpida no período de 1913 a 1923, na Praça Júlio Mesquita, centro da capital paulista. Ao longo da vida, foi reconhecida pelo seu talento, caso da homenagem feita pelo pintor Eliseu Visconti, que pintou um retrato da artista em 1905. Nicolina faleceu em 1941, no Rio de Janeiro, como uma precursora nas artes. ■

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

BAIXE NOSSO APP
E VEJA MAIS IMAGENS



Adriana Michi

O Selvagem, no Cemitério da Consolação



Museu Nacional de Belas Artes - 1905

Retrato da artista, por Eliseu Visconti



O Esporte no Centro de São Paulo

Assumir o compromisso com o desenvolvimento humano e a transformação social pelo esporte tem me permitido viver experiências muito significativas, conhecer pessoas incríveis, acessar espaços e trabalhos que não fazia ideia que existiam.

Quando incorporamos esse compromisso, passamos a vislumbrar no esporte toda a riqueza de sentidos e possibilidades para o desenvolvimento humano pelo afeto, compreendendo-o como um fenômeno sociocultural absolutamente complexo que nos anima o espírito a partir da experiência do corpo em contexto. O compromisso com a transformação social faz reformular a nossa percepção sobre este tempo e lugar chamado esporte, e a partir daí não tem volta, saímos da (ou entramos na) “matrix” de experiências que passam a nos afetar profissional e pessoalmente.

Os próximos meses serão especiais! Janeiro e fevereiro anunciarão, pelas realizações do Sesc Verão, em todo estado de São Paulo, nossa narrativa para o ano de 2020. No Sesc 24 de Maio, elencamos o conceito de sinergia como fonte de inspiração para as nossas programações. Sinergia pressupõe uma experiência vivida em conjunto, que gera conexão, vínculos, e que afeta todos os envolvidos. O Sesc Verão desta forma inaugura esta narrativa com programações inspiradas no fortalecimento do vínculo com as pessoas e com o território, contribuindo para o surgimento de mais e mais comunidades de práticas esportivas no centro de São Paulo, e sugerindo um entendimento do centro como território de convivência e afeto a partir dos profundos significados e valores produzidos pela forte experiência da prática esportiva.

A unidade 24 de Maio está localizada na República, um território que durante o dia é repleto de prédios, pessoas em trânsito, trabalho, barulho. À noite, o território assume uma configuração diferente, mudando sua conformação a partir da profusão de diferentes manifestações culturais, dos encontros de pessoas de diferentes comunidades. O esporte aparece timidamente nesse cenário através dos skatistas, alguns grupos de dança, grupos de ciclistas e a partir de algumas outras práticas relacionadas ao que convencionou-se chamar esportes urbanos.

O esporte ainda não é compreendido como uma das principais possibilidades de fruição cultural no centro de São Paulo. O centro é um “território de misérias”, onde os problemas sociais são vividos em sua forma mais precarizada traduzida pelas famílias em situação de rua, drogadição, pelos muitos prédios abandonados e lacrados. É também um território de resistência e de luta, a partir dos muitos movimentos sociais por direitos humanos que se organizam.

A ideia do compromisso com a transformação social pelo esporte me traz estas questões. Ao receber o convite para esta escrita, quis publicar, mesmo que de forma singela, a narrativa que estamos construindo na nossa unidade de gerar sinergia com as pessoas e o território pelo esporte, com vistas à construção de um legado: que o esporte figure como uma das principais possibilidades de fruição cultural no Centro através do surgimento de mais e mais comunidades de práticas esportivas. ■

JOSÉ EVARISTO SILVÉRIO NETTO é mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina – UEL e trabalha como monitor de esportes no Sesc 24 de Maio.



PROGRAMA SESC DE ESPORTES

PRÉ-INSCRIÇÃO 2020

Esporte Criança | 3 a 10 anos
Esporte Jovem | 10 a 16 anos

Cursos físico-esportivos gratuitos,
em diversas modalidades
individuais e coletivas.

**PRÉ-INSCRIÇÃO EXCLUSIVA
PARA CREDENCIADO PLENO**

De 22/01 (a partir das 14h) a 31/01
em sescsp.org.br/preinscricaoesportes

**Vagas abertas nas unidades
da Grande São Paulo, Litoral e Interior.**



Emilia Lorenzini